



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

**A AUDIODESCRIÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE
CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

BÁRBARA LEITÃO DE CARVALHO

BRASÍLIA – DF
2015

Bárbara Leitão de Carvalho

**A AUDIODESCRIÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE
CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

Trabalho final de curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do título
de Licenciatura em Pedagogia, à Comissão
examinadora da Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a Dra. Fátima Lucília Vidal
Rodrigues

BRASÍLIA – DF

2015

CARVALHO, Bárbara Leitão

Monografia: A AUDIODESCRIÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO
E APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA
VISUAL. Bárbara Leitão de Carvalho. Brasília: UnB. 2015. p.71

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –
Universidade de Brasília, 2015.

TERMO DE APROVAÇÃO

BÁRBARA LEITÃO DE CARVALHO

A AUDIODESCRIÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DEFENDIDO SOB A AVALIAÇÃO DA COMISSÃO EXAMINADORA CONSTITUÍDA POR:

PROF. DR. FÁTIMA LUCÍLIA VIDAL RODRIGUES (ORIENTADORA)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

PROF. DR. MARIA ALEXANDRA MILITÃO RODRIGUES
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

PROF. MS. TAÍSA RESENDE SOUSA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

DATA DA APROVAÇÃO: ____/____/____

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por estar comigo em todos os momentos da minha vida. Agradeço também a minha família por estar sempre apoiando minhas decisões.

Dedico esse trabalho primeiramente às duas pessoas mais importantes da minha vida: meus pais. Agradeço por serem a base de tudo que sou e meu exemplo maior de caráter, humildade e amor. Obrigada pelo apoio, carinho e dedicação.

Agradeço a toda minha família, por ser a essência do que sou e por me ensinar o valor de ter uma. Por todas as críticas, que serviram para me fazer mais forte e ter a certeza de que realmente é isso que quero para minha vida.

Agradeço aos meus amigos, que sempre estiveram ao meu lado e acreditando comigo que a educação é importante. Além dos que estiveram em minha caminhada universitária que, sem dúvidas, sem vocês eu não teria chegado até aqui. Espero que possamos nos encontrar futuramente em qualquer ambiente educativo fazendo o nosso melhor.

Agradeço à Universidade de Brasília e a todos os professores que trabalham com amor e dedicação, para nos mostrar que somos capazes de educar com seriedade e alegria.

A minha orientadora, Fátima Lucília Vidal Rodrigues, pela paciência e dedicação. Por mostrar que sou capaz, que posso me tornar uma boa educadora e fazer a diferença.

Por fim, aos membros da banca examinadora, Maria Alexandra Militão Rodrigues e Taísa Resende Sousa, pela disponibilidade de participar e pelas contribuições acadêmicas à monografia.

Muito Obrigada!

“O universalismo que queremos hoje é aquele que tenha como ponto em comum dignidade humana. A partir daí, surgem muitas diferenças que devem ser respeitadas. Temos direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza e direito de ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza.”

(Boaventura de Souza Santos, 1997).

RESUMO

O presente trabalho teve o objetivo de investigar como a audiodescrição pode se tornar um recurso pedagógico utilizado pelos professores em uma escola inclusiva localizada no Distrito Federal. Para isso, foi realizada uma reflexão teórica que se embasa em alguns conceitos norteadores. Os trabalhos de Batista (2005), Silva (2009), Vygotsky (1995), que discorrem acerca do processo de inclusão, especialmente da inclusão da criança com deficiência visual, e ainda, o guia *RNIB Sunshine House School* lançado pela Inglaterra (2009), que discorre sobre a audiodescrição, ajudaram-nos a refletir sobre a temática em questão. A metodologia utilizada foi pesquisa qualitativa, por meio da observação participante e entrevistas semiestruturadas, dando importância ao olhar das educadoras a respeito da inclusão e da audiodescrição. Desse modo, a atividade realizada com os alunos na sala de aula com o livro “A Fada Emburrada”, mostrou o caminho investigativo para analisar a problemática do trabalho. As práticas com audiodescrição realizadas trouxeram aos alunos com deficiência visual e aos videntes a possibilidade de conhecer um novo recurso de acessibilidade, a audiodescrição, que tem um papel importante nesse processo de inclusão, auxiliando as pessoas com deficiência visual a absorverem informações importantes referentes às ações dos personagens, aos próprios personagens, aos ambientes e ao tempo com o livro infantil trabalhado. Nessa pesquisa foi possível demonstrar o quão é importante a utilização de recursos como a audiodescrição na sala de aula, pois proporcionam um ambiente e vivências mais lúdicas na escola e contribuem para uma educação mais comprometida com o outro e com sua aprendizagem.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Audiodescrição. Recurso Pedagógico.

ABSTRACT

The present study aims at investigate how the Audio Description may become a pedagogical resource used by the teachers in an inclusive school in Distrito Federal. Some concepts were fundamental as theoretical framework. Batista (2005), Silva (2009), Vygotsky (1995) had already talked about the school inclusion process, especially the field of education of visually impaired. In addition, the *RNIB Sunshine House School*, released in England (2009), was essential for this work for its audio description contribution. The method of inquiry employed was the qualitative research, based on participant observation and semi-structured interviews, giving the importance to the educators related to the audio description and the inclusion process. The book “A Fada Emburrada” was used as part of an activity with the children, guiding the entire study process. The practices of audio description brought to the students – the ones that were visually impaired and the ones that were not – the possibility to know this new accessibility resource. The audio description has an important role in the inclusion process, helping people with visual impairments to get in touch with more details in the book, as the characters, their actions, the places and the notion of time. In this study, it was possible to show how important the use of resources as audio description in the classroom is, once it creates a playful environment, contributing for and education more and more worried with the other and its learning.

Keywords: Inclusive Education. Audio description. Educational resource.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
PARTE I	11
MEMORIAL	12
PARTE II	18
MONOGRAFIA	19
Introdução	19
<i>Capítulo 1 - Fundamentação teórica.....</i>	21
1.1 O processo de inclusão	21
1.2 O estudo sobre a criança com deficiência visual e sua inclusão.....	22
1.3 A importância do Projeto Político-Pedagógico (PPP).....	25
1.4 Audiodescrição como recurso para a sala de aula	26
<i>Capítulo 2 - Metodologia</i>	30
2.1 Contexto da pesquisa.....	31
2.2 Sujeitos da pesquisa e procedimentos na execução das entrevistas	34
2.3 Instrumento utilizado - livro didático.....	35
<i>Capítulo 3 – Discussão da experiência acompanhada</i>	36
3.1 Recepção das crianças com o livro “A Fada Emburrada”.....	36
3.2 Projeto Político-Pedagógico da escola.....	38
3.3 Problemática das entrevistas com as professoras	39
3.3.1 A inclusão e o Projeto Político Pedagógico	39
3.3.2 Experiência com a audiodescrição	41
Considerações finais	43
PARTE III	44
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	45
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICE	49
Proposta Pedagógica da Escola Classe Inclusiva Localizada no Distrito Federal	53

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso em Pedagogia foi desenvolvido e realizado no 2º semestre de 2015. Fruto de vivências e experiências da autora nos Projetos de Iniciação Científica (PIBICs) em que foi bolsista com o tema de audiodescrição ao longo da graduação na Universidade de Brasília.

Encontra-se organizado em três partes: memorial, monografia e perspectivas profissionais. O memorial é um breve relato reflexivo sobre a história pessoal da pesquisadora, os caminhos que trilhou para fazer o curso de Pedagogia e a escolha do tema nesse contexto.

A monografia é a pesquisa, a qual traz a seguinte questão de pesquisa: Como a audiodescrição pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem em uma turma que tenha crianças com deficiência visual? Diretamente ligado a essa pergunta, o objetivo geral é: Investigar a contribuição da audiodescrição em sala de aula. Ela está dividida em introdução, três capítulos e considerações finais. O primeiro capítulo é a fundamentação teórica que traz a discussão sobre a educação inclusiva, projeto político pedagógico e o recurso de acessibilidade audiodescrição, depois é apresentada a metodologia, o contexto da pesquisa, os sujeitos e os instrumentos, o terceiro capítulo que trata da análise e discussão e, por fim, as considerações finais.

Na terceira e última parte são apresentadas às perspectivas profissionais da autora e os apêndices.

PARTE I

MEMORIAL

Esse primeiro momento do trabalho final fala de minhas reflexões e memórias de vida até hoje. Farei um breve resumo dos principais fatores que me levaram a fazer graduação em Pedagogia.

Nasci em uma família muito tradicional brasiliense e mineira, cresci em um ambiente com muito amor e companheirismo entre meus familiares. Tenho meus pais como exemplo de pessoas que sempre batalharam muito para poder criar seus filhos em um lar com valores cristãos e de honestidade. Tenho cinco irmãos, três deles são por parte de pai e dois (gêmeos) que moram comigo até hoje são por parte de mãe e pai. A família do meu pai é numerosa, tenho muitos tios e primas que residem em várias cidades no Estado de Minas Gerais.

Sempre morei na SQN 316, na mesma quadra dos meus avós maternos, com os quais eu convivo até hoje. Quando eu era pequena costumava brincar embaixo do prédio com meus amigos e irmãos. Sempre gostei muito de brincar, subir em árvore, andar de bicicleta, patins e skate. Fiz durante alguns anos escolinha de futebol, eu era a única menina que jogava, mas eu nunca me importei, pois era o único esporte que eu realmente gostava.

Na minha infância toda eu estudei no turno vespertino. Meus pais sempre trabalharam o dia todo. Eu e meus dois irmãos tínhamos uma babá que ficava com a gente no período que não estávamos na escola. Nos finais de semana sempre íamos para o clube, meu pai ia jogar futebol e minha mãe tomar sol enquanto eu e meus irmãos brincávamos na piscina ou no parquinho. Como íamos desde pequeninhos para o clube todos nos conheciam lá. Então, costumávamos ser bastante independentes naquele ambiente.

Minha trajetória escolar começou aos dois anos de idade. Estudei no Colégio Santa Doroteia, localizado na Asa Norte, escola pequena e com poucos alunos na turma em que estudava. O ambiente dessa escola me marcou muito, pois foi lá que fiz amizades que cultivo até hoje. Uma delas merece destaque que é a Júlia, somos amigas há vinte e um anos, o tempo maior que ficamos separadas foi quando eu mudei dessa escola na terceira série e ela mudou na quinta série para a mesma que a minha. Após esse intervalo não ficamos mais separadas. A Júlia foi uma pessoa muito importante na minha vida escolar, pois sempre esteve ali nos momentos bons e ruins, além de sempre ter me incentivado na leitura e me ajudado

nas redações e no inglês que não era o meu forte. Hoje cada uma faz uma graduação distinta na UnB e continuamos amigas inseparáveis.

Fui alfabetizada pela professora Teresa ou “tia” Terezinha que era como todos a chamavam. Foi um ano marcante e minha mãe tem um carinho por ela até hoje. Sempre tive admiração enorme por meus professores e dizia quando pequena que queria ser como eles quando eu me tornasse adulta. Não me lembro muito bem do meu dia a dia na escola, mas minha mãe nunca recebeu reclamação minha. Recordo-me, também, que adorava as festinhas de comemoração como: carnaval, dia das mães, festas juninas, dia dos pais e dia das crianças. Eu me sentia muito acolhida e à vontade naquele ambiente. Era minha segunda casa. Estudei nessa escola desde o maternal, até a terceira série.

Saí da terceira série já alfabetizada. Na quarta série fui estudar na Escola Sagrada Família, localizada também na Asa Norte. A Sagrada Família, também, foi um colégio muito marcante em minha vida, pois vivi parte da minha adolescência. No início foi difícil para eu me adaptar ao novo ambiente e fazer novas amizades por ser uma pessoa muito tímida, todavia com o tempo fui me adaptando. Uma vez por semana tinha hora cívica no pátio, e em alguns dias tinham apresentações de outras turmas. Fiquei até a oitava série nesse colégio.

Gostava muito dessa escola, pois tinha o “SAFÃO” que acontecia sempre no segundo semestre do ano e passávamos algumas semanas tendo jogos internos e gincanas. Era muito divertido, pois tinham diversas modalidades e atividades durante o dia. Minha turma nessa escola era maior e tinha mais meninos que na outra escola.

E, por fim, o último colégio em que estudei foi Leonardo da Vinci, que conclui o ensino médio. No ensino médio foi a época em que tive muitas dificuldades na escola apesar de ser uma boa aluna. Eu sempre fui muito dedicada e gostava de manter meus cadernos sempre organizados e coloridos, sempre fui muito caprichosa com meus materiais escolares.

Quando entrei era tudo muito novo pra mim, pois era uma escola totalmente diferente das outras que eu havia estudado e foi a primeira vez em que comecei a estudar no turno matutino e minhas aulas iniciavam às 07h15. Meu pai sempre me acordava e preparava meu café da manhã e o dos meus irmãos. Como essa escola era mais perto de casa eu ia e voltava a pé, mas sempre que chovia ou acontecia

algo que poderia fazer eu e meus irmãos chegarmos atrasados, meu pai nos levava e esses eram os melhores dias.

No meu primeiro ano do ensino médio comecei a ter disciplinas como química, física, dois tipos de matemática e dois tipos de laboratório. Nunca fui boa na área de exatas e como em minhas escolas anteriores o ritmo de estudos era menor tive que adquirir um hábito de estudar todos os dias em casa para conseguir acompanhar os alunos da turma. Sendo assim, frequentei naquele ano duas tardes no acompanhamento escolar chamado “Nota Máxima” em que eu poderia tirar dúvidas com professores e estudar para as provas. Eu e minha amiga Júlia entramos em uma turma em que todos já se conheciam por isso nos sentíamos meio deslocadas naquele ambiente, mas fiz novas amizades, conheci muitas pessoas e aprendi a ser mais extrovertida.

No segundo ano, eu e a Júlia resolvemos mudar de turma para ficarmos próximas de outras pessoas que conhecíamos no colégio. Minha turma era muito unida, fizemos um projeto na feira cultural da escola sobre o consumo consciente. Tinha uma menina na nossa sala que fazia teatro, então ela fez a coreografia e ficamos em segundo lugar na feira cultural, lembro que houve uma grande dedicação de toda a turma. Nessa fase me aproximei muito de um grupo de amigos e nos dedicamos juntos, isso nos fez criar um laço de amizade muito legal que tenho até hoje. Foi um ano em que me diverti, aprendi muitas coisas e guardo pra sempre na memória.

Posso considerar o meu último ano do ensino médio o mais aproveitado. Acredito que o que eu posso levar de mais precioso dessas vivências foram amizades verdadeiras que fiz. Busquei me dedicar bastante nos estudos porque foi o momento que realmente comecei a pensar sobre o que eu gostaria de fazer na minha vida.

Nunca tive nenhum sonho de profissão, mas tinha muitos desejos, dentre eles, ser advogada, psicóloga ou pedagoga. Pelos meus pais eu faria Direito, eles sempre falaram que eu estudei nos melhores colégios em Brasília e que não foi para escolher cursos como Pedagogia ou outras licenciaturas, ou seja, queriam que eu escolhesse profissões que eu não “passasse fome”. Sempre sofri muita pressão dos meus pais na minha escolha profissional o que me deixou mais confusa e, como Direito nunca foi realmente o que sonhava, então coloquei a opção no vestibular para psicologia, mas não passei. Fui fazer cursinho para tentar passar na

Universidade de Brasília (UnB), com isso eu ganhava um pouco mais de tempo para pensar o que eu queria.

No total foi um ano e meio de cursinho até finalmente eu entrar para Pedagogia na UnB. Depois de muito esforço fui fazer realmente o curso que sempre gostei e me identificava. Meus amigos sempre me apoiaram a fazer o que eu realmente gostava. No início meus pais foram resistentes, mas depois ficaram muito felizes com o resultado do vestibular e disseram que o curso era minha cara e que eu deveria fazer mesmo. Foi um dos dias mais felizes da minha vida.

Entrar na UnB era um sonho que se tornou realidade. Acredito que cada um tem a sua hora e seu momento. Senti-me um pouco atrasada em relação aos meus amigos que já estavam na graduação há dois anos, mas percebi que esse momento meu de abdicar do lazer e me dedicar aos estudos me fez amadurecer, aprender a estudar e dar valor maior a vida que tenho. Foram muito importantes esses dois anos antes da minha entrada na Universidade.

O meu primeiro semestre da UnB foi muito legal, resolvi ficar bem tranquila e “curti” a vida universitária. Conheci na primeira semana de aula a Sofia, que foi e é minha companheira de projetos, sonhos e vivências na graduação. Como eu sempre gostei de dar aulas, iniciei com aulas particulares na empresa “Filhos Web”, na qual, eu acompanhava pedagogicamente as crianças na casa. Foi legal esse emprego, pois era difícil conciliar a rotina de trabalhar e estudar ao mesmo tempo e trabalhando nessa empresa eu poderia escolher os meus horários por ser bem flexível. Em uma das primeiras conversas com a Sofia, ela me disse que sua mãe era professora da UnB no Instituto de Letras e que ela coordenava um grupo de pesquisa “Acesso Livre” em tradução audiovisual, com o foco em uma ferramenta de acessibilidade para pessoas com deficiência visual, a audiodescrição. Como eu sempre me interessei pela área de inclusão na pedagogia, resolvi ir às reuniões todas às quintas-feiras, no turno vespertino, junto com a Sofia. Foi a partir desse momento que a audiodescrição entrou em minha vida.

O meu segundo semestre em diante continuei participando do grupo de pesquisa “Acesso Livre” com foco na audiodescrição sob a coordenação da Prof^a. Dr^a. Soraya Ferreira Alves. No mesmo ano eu e Sofia fomos apresentar um pôster no I Congresso Internacional de Literatura e Ecocrítica com o tema “As metáforas visuais da natureza na telenovela a vida da gente e sua audiodescrição para pessoas com deficiência visual”. Foi a primeira vez que participei de um congresso e

foi muito importante, pois me fez perceber a importância que se tem em fazer pesquisa e poder compartilhar meu trabalho com outras pessoas de diferentes regiões do país. Ainda nesse semestre participei do meu primeiro programa de iniciação científica (PIBIC) como voluntária no tema “Audiodescrição de Filmes para crianças com deficiência visual”.

Nos meus quarto e quinto semestre continuei as minhas pesquisas sobre audiodescrição, tentando tornar mais próximas do curso de pedagogia. O tema desse programa de iniciação científica em que participei se chamava “Audiodescrição do Livro Infantil” também no Instituto de Letras da UnB. Foram vivências experiências importantes nesses dois primeiros PIBICs, pois estive em contato com a educação especial. Frequentei mais de um ano o Centro de Ensino Especial dos Deficientes Visuais (CEEDV) em Brasília, no qual pude aprender diversas coisas e estar em contato com o público infantil com deficiência visual.

Ainda no quinto semestre pude participar de outro programa dentro da Pedagogia com viés mais pedagógico, fiquei no Programa de Educação Tutorial (PET) como voluntária e depois como bolsista por 11 meses (até o final do sexto semestre). Ter feito parte desse programa foi interessante, porque vivi experiências coletivas e dialógicas com meus colegas estudantes de pedagogia e também porque nos proporcionava total liberdade para atuar e elaborar planejamentos e atividades que desejávamos. O PET é um programa que tem o tripé acadêmico: a teoria, pesquisa e extensão e me fez crescer muito academicamente. Além disso, pude participar durante meus dois últimos semestres do estágio não obrigatório no Hospital Sarah Kubitscheck, na qual, trabalhei no projeto “Dimensão Metacognitiva” que se trata da neuroreabilitação na infância e na adolescência através da interação social, criatividade e desenvolvimento com o público infantil com paralisia cerebral. Foi uma experiência incrível que vivenciei e eu levo para a minha formação acadêmica.

Depois de vários semestres no Grupo “Acesso livre”, a coordenadora do projeto sugeriu que procurássemos um professor que se interessasse por esse tema e que propuséssemos outra pesquisa unindo a audiodescrição com a pedagogia. Então conheci a querida professora Fátima Vidal, minha orientadora, que aceitou de braços abertos nos acompanhar nesse desafio. Foi, então, com sua supervisão que realizamos o meu terceiro e último PIBIC com o tema “Livros Infantis com Audiodescrição na Prática Pedagógica” que foi importante também, pois fiquei mais

próxima da escola inclusiva e da prática pedagógica em uma escola localizada no Distrito Federal. Com esse trabalho recebemos menção honrosa no Congresso de Iniciação Científica de 2015, na UnB.

Depois de todas essas experiências com audiodescrição desde o meu primeiro semestre no curso de Pedagogia e vivenciado um pouco a educação e inclusiva não foi difícil escolher meu tema de monografia. Só me restava escrever sobre como essa ferramenta, pouco explorada aqui no Brasil, pode ser um recurso muito importante para educação. Eis aqui então, nas próximas páginas, a minha monografia.

PARTE II

MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

A Educação que existe e que presenciei em toda minha vida escolar é a tradicional. Uma educação excludente, segregada e padronizada, na qual os alunos não tem voz e são sujeitos meramente passivos.

Assim que entrei na pedagogia não conhecia esse recurso de acessibilidade que é a audiodescrição (AD), mas sempre tive interesse e me preocupei com o público infantil com deficiência.

Por meio da minha participação, no primeiro semestre, no grupo de pesquisa “Acesso Livre” na Universidade de Brasília e da minha experiência no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) conheci a audiodescrição. Isso fez aumentar minha vontade de buscar uma escola com acesso e permanência para todos.

Durante minha graduação estive em contato com o CEEDV (Centro de Ensino Especial de Deficientes Visuais) e duas escolas inclusivas localizadas no Distrito Federal, nas quais, vivenciei práticas que ajudaram em minha formação como pedagoga.

A escolha do tema “A Audiodescrição no Processo de Ensino Aprendizagem de Crianças com Deficiência Visual em uma Escola Inclusiva” se deu em função da minha vontade de mostrar e aprofundar como a escola pode ser acessível para todas as crianças e que existem diversos recursos que os educadores desconhecem que podem auxiliar em sua prática pedagógica.

A audiodescrição é uma ferramenta que permite a acessibilidade em informações visuais, transformando-as em palavras. A partir da audiodescrição, pessoas com deficiência visual (DV) inserem-se nos diversos meios de comunicação como teatro, cinema, palestras, museus, livros, entre outros.

Assim, a questão de pesquisa do presente trabalho é: Como a audiodescrição pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem em uma turma que tenha crianças com deficiência visual?

Partindo dessa questão, o objetivo geral pode ser definido da seguinte forma: investigar a contribuição da audiodescrição em sala de aula. Diretamente ligados ao objetivo geral temos os objetivos específicos:

- Problematizar teoricamente os conceitos de inclusão e audiodescrição.
- Identificar como o projeto político pedagógico (PPP) da instituição lida com a questão da educação inclusiva.
- Pesquisar a percepção que educadores apresentam acerca da audiodescrição em sala de aula.

Para isso, apresento a monografia dividida em capítulos. O primeiro capítulo refere-se à Fundamentação Teórica em que serão apresentadas as reflexões teóricas sobre educação inclusiva, projeto político-pedagógico e o conceito de audiodescrição com base em alguns autores como Batista (2005), Silva (2009), Vygotsky (1995) e o guia *RNIB Sunshine House School* lançado pela Inglaterra (2009).

O segundo capítulo trata da metodologia, no qual explico sobre a abordagem qualitativa que foi utilizada a observação participante e entrevistas semiestruturadas. Além disso, é feita uma descrição da escola analisada, os sujeitos participantes e o instrumento utilizado na pesquisa.

Já o terceiro capítulo refere-se à discussão da experiência acompanhada em que é feita uma relação entre a fundamentação teórica com a minha prática dentro da escola.

Encerro a monografia com minhas considerações finais (quase provisórias) ressaltando a necessidade da inserção de ferramentas de acessibilidade como a audiodescrição na prática pedagógica.

1 CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 O processo de inclusão

Segundo uma visão histórico-cultural, foram muitas as barreiras e obstáculos vencidos para chegarmos à educação inclusiva que temos hoje. A educação inclusiva visa pôr em prática uma educação acessível a todas as pessoas, incluindo as pessoas com deficiência, combatendo uma escola excludente, discriminatória, segregadora e padronizada. De acordo com o “Programa de Educação Inclusiva: Direito à Diversidade (MEC, 2004) :

Escola inclusiva é, aquela que garante a qualidade de ensino educacional a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades. (2004, p.7)

Antes do século XIX, tivemos a fase da exclusão, na qual pessoas consideradas “anormais” eram mantidas escondidas ou consideradas malucas e internadas em manicômios. A escola não era um lugar para elas. No final do século XIX inicia-se a fase da segregação. Nessa fase a deficiência era vista como uma doença e, com isso, foram surgindo institutos específicos para deficientes visuais, “surdos-mudos” que foram acolhendo essas pessoas que precisavam de um atendimento maior e mais individualizado como, por exemplo, o atual Instituto Benjamim Constant, escolas especiais, entre outros. A escola especial vinha com um caráter de beneficiar mais a sociedade que o indivíduo.

A terceira fase, final da década de 60 e início de 70, chegaram ao momento da integração, no qual, o aluno tinha que se integrar e se adaptar à escola. Segundo Coll, Palacios, Niarchesi (1995):

O objetivo da integração era reivindicar condições educacionais satisfatórias para todos os meninos e meninas dentro da escola regular e sensibilizar professores, pais e autoridades civis e educacionais para que assumissem uma atitude positiva em todo esse processo. (p.14).

Porém, nessa fase, crianças continuavam a ter negadas suas matrículas em escolas regulares, por dizerem que eles não tinham o perfil dos alunos ou que não

poderiam acompanhar o ritmo escolar da escola. Poucas exceções são relatadas e hoje encontramos alguns adultos que frequentaram a escola regular na época.

No final da década de 80, a política de educação inclusiva dá seu primeiro passo, com o artigo 208 da Constituição Brasileira que garante o atendimento aos indivíduos que apresentam deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.

Por fim, última fase, que é a atual, da educação inclusiva, na qual, seu marco foi a Declaração de Salamanca (BRASIL, 1994) – realizada na Espanha – que estabelece como princípio que as escolas regulares dos sistemas de ensino devem ser o *locus* da inclusão. Estas deveriam acolher todas as crianças, independente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais e/ou linguísticas. Por meio da Declaração de Salamanca e de outras políticas públicas de inclusão, muda a dinâmica escolar. Nessa fase é a escola que tem que se adaptar a particularidade de cada aluno e, preferencialmente, matriculá-los no ensino regular.

Apesar de estarmos na fase da inclusão ainda existem muitas barreiras a serem quebradas, primeiramente, a visão que a sociedade tem diante de muitas crianças com deficiência. Como por exemplo, alguns conceitos que a sociedade cultivou por muitos anos como perfeição/imperfeição, deficiência/eficiência, normalidade/anormalidade. Além disso, o sentimento de pena que leva muitas vezes a atitudes de superproteção da família dessas crianças.

1.2 O estudo sobre a criança com deficiência visual e sua inclusão

Surge a necessidade de dados estatísticos e a compreensão dos conceitos de deficiência e mais especificamente deficiência visual para entendermos um pouco sobre a pessoa com deficiência visual e seu desenvolvimento.

De acordo com o *Relatório Mundial sobre a Deficiência* (publicado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), 2012), a deficiência faz parte da condição do ser humano e quase todas as pessoas vão ter alguma deficiência durante a vida. “A maioria das famílias possui algum familiar com deficiência, e muitas pessoas sem deficiência assumem a responsabilidade de prover suporte e cuidar de parentes e amigos com deficiências” (p.3).

Segundo dados do IBGE (2010) mais de 45,6 milhões de brasileiros declararam ter alguma deficiência, dentre elas a mais frequente é deficiência visual que chega a 35,7 milhões de pessoas. E ainda de acordo com o estudo, 18,8% das

peessoas que foram entrevistadas afirmaram ter alguma dificuldade para enxergar mesmo utilizando ferramentas de apoio visual como óculos ou lentes de contato.

A deficiência visual é quando se tem um comprometimento total ou parcial da visão podendo acarretar em uma grande dificuldade de compreensão das informações visuais no mundo externo. O comprometimento parcial ou baixa visão é quando há um comprometimento leve da capacidade de enxergar e ela é compensada com lentes de aumento, lupas e outros materiais adaptados. E o comprometimento total da visão é quando não existe nenhuma percepção de luz. Entre os dois extremos da capacidade visual temos algumas patologias como astigmatismo, hipermetropia, miopia que não constituem uma deficiência visual, mas devem ser tratadas desde o início, pois podem interferir no processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Segundo o Conselho Brasileiro de Oftalmologia (CBO, 2012):

O termo cegueira reúne indivíduos com vários graus de visão residual. Ela não significa, necessariamente, total incapacidade para ver, mas o prejuízo dessa aptidão em níveis incapacitantes para o exercício de tarefas rotineiras. Assim, os termos “cegueira parcial” ou “cegueira legal” são usados para classificar a deficiência visual de indivíduos que apresentam uma de duas condições: (1) a visão corrigida do melhor dos seus olhos é de 20/400 ou menor, ou (2) se o ângulo em relação ao eixo visual que limita o campo visual apresenta medida inferior a 20 graus de arco, ainda que sua acuidade visual nesse estreito campo possa ser superior a 20/400. Este campo visual restrito é muitas vezes chamado de “visão em túnel”. A cegueira total ou simplesmente AMAUROSE, pressupõe completa perda de visão. Nela, a visão é nula, isto é, nem a percepção luminosa está presente. (p.10)

Um importante estudioso dessa temática é Lev Vygotsky que, com viés social e preocupação da situação de seu país (Rússia), no século passado, começou a estudar problemáticas nas áreas de educação e saúde. Ele tem obras importantes como o estudo da defectologia (termo não utilizado mais hoje em dia) que diz:

A defectologia está lutando agora pela tese básica em cuja defesa vê a única garantia de sua existência como ciência, qual seja: a criança cujo desenvolvimento se vê complicado pelo defeito não é simplesmente uma criança menos desenvolvida que seus coetâneos normais, mas uma criança que se desenvolveu de outro modo. (Vygotsky, 1997, p. 12).

Desde o nascimento surgem nas pessoas com deficiência visual as mesmas necessidades que as videntes: carinho, amor, atenção, educação e compreensão são algumas delas. Ambas irão viver, aprender, amar e trabalhar.

Entendemos que a criança que possui alguma limitação não é menos desenvolvida que a outra. Ela terá apenas uma forma diferente de se desenvolver. Até o quarto mês do nascimento as crianças com deficiência visual vão se desenvolver iguais as videntes. Daí em diante iniciam-se algumas mudanças e elas começam a utilizar outros sentidos como o tato para conseguirem se comunicar. Ochaíta e Rosa (1995) pontuam que o sentido mais importante para a pessoa com deficiência visual se comunicar com o mundo é o tato e afirmam que:

O tato constitui um sistema sensorial que tem determinadas características e que permite captar diferentes propriedades dos objetos, tais como temperatura, textura, forma e relações espaciais. [...] À textura parece ter, para o tato, uma saliência perspectiva semelhante à da cor, para a visão. (p.185).

Vygotsky (1997) foi um grande defensor da criança com deficiência visual constatando que ela tem a necessidade de conviver em um ambiente social e que com isso ela se torna uma pessoa socialmente válida e faz desaparecer aquela imagem de uma pessoa limitada.

O autor trabalha a partir da ideia de compensação, ou seja, ele não olha o desenvolvimento das crianças com deficiência visual ou dos surdos e sim o desenvolvimento que ultrapassa a deficiência. Essa compensação está voltada para o desenvolvimento cultural no contexto em que a criança está inserida.

Dessa forma, o educador tem o papel de auxiliar com estratégias diferentes para os alunos poderem se adaptar ao meio e melhorar seu desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem. Como exemplo, as crianças com deficiência visual que não enxergam, as escritas visuais nesse caso serão substituídas pela tátil, pelo sistema Braille. O sistema Braille é utilizado para leitura e escrita e contém todo o alfabeto por meio de combinações de pontos em alto relevo. A pessoa com deficiência visual escreve perfurando o papel e marcando os pontos.

Existem outros materiais podem ser utilizados na sala de aula, como o sorobã adaptado para pessoas com deficiência visual. Ele é um aparelho utilizado para fazer operações matemáticas e que também pode ser utilizado por pessoas videntes.

Existem algumas habilidades básicas que a criança vidente aprende naturalmente e que a criança com deficiência visual não. Dessa forma, a criança precisa de ajuda em seu contato e interação com o mundo.

As crianças com cegueira congênita ou que perderam a visão prematuramente, por volta dos 3 anos, não conservam imagens visuais úteis para a aprendizagem, o que exige um atendimento educacional precoce e reorganização perceptiva, isto é, adquirir pelo tato, audição, olfato, sentido sinestésico e outros, o que não consegue pela visão. (LOWENFELD, 1985, p.35)

A criança com DV apresenta outro modo de perceber, construir imagens e representações mentais. Dessa forma, ela irá se relacionar com o meio por outros canais sensoriais tendo assim, a formação de imagem diferente das crianças videntes. Outro aspecto que é relevante falar e que segue a teoria de Jean Piaget é que o seu desenvolvimento acontece por etapas, como no da criança vidente. Primeiro, há a sustentação do corpo, depois o engatinhar até chegar aos primeiros passos. Ambas as crianças passam por esse processo, porém a maneira que acontece é que muda.

Lewis (2003, apud BATISTA, 2005, p. 11) apresenta revisão de literatura sobre o desenvolvimento de crianças cegas, concluindo que a cegueira não impede o desenvolvimento, mas que este difere de diversos modos, do apresentado pelas crianças videntes.

Por isso a importância de pesquisas como essas que buscam apresentar novos recursos pedagógicos que auxiliam o professor na sala de aula em todos os aspectos no desenvolvimento específico de cada criança.

1.3 A importância do Projeto Político-Pedagógico (PPP)

Segundo Libâneo (2004) o projeto político-pedagógico é o documento que detalha objetivos, diretrizes e ações do processo educativo a ser desenvolvido na escola, expressando a síntese das exigências sociais e legais do sistema de ensino e os propósitos e expectativas da comunidade escolar.

O projeto político-pedagógico é planejado e construído de forma coletiva com diretores, pais, professores, funcionários e alunos da comunidade escolar. Esse documento é muito importante, pois é através dele que os sujeitos inseridos ou não

na escola vão se recorrer durante o ano letivo garantindo qualidade e desempenho satisfatório para os alunos ali inseridos. A isso, Veiga (2009) acrescenta que:

Para a construção do projeto político-pedagógico seja possível não é necessário convencer os professores, a equipe escolar e os funcionários a trabalhar mais, ou mobilizá-los de forma espontânea, mas propiciar situações que lhes permitam aprender a pensar e a realizar o fazer pedagógico de forma coerente. (p.15).

A luta que a escola enfrenta é em direção a uma descentralização na busca de autonomia e qualidade, ou seja, a escola não tem mais condições de adotar um regime de poder que dita normas e os sujeitos tem que seguir. Por isso, há uma necessidade de construção coletiva em que todos os sujeitos são ativos.

O PPP por ser um documento criado da autonomia de cada escola acaba, que nem sempre cumpre o que é planejado. Esse é um grande desafio das escolas hoje em dia, pois muitas vezes não dão conta de todas as demandas que colocaram no PPP e/ou tentam realizar todos os projetos e acabam deixando muito superficiais ou defasados.

1.4 Audiodescrição como recurso para a sala de aula

A audiodescrição é uma modalidade de acessibilidade audiovisual que permite que a pessoa com deficiência visual seja incluída nos diversos meios de comunicação. Segundo Bourne (2007), a audiodescrição se caracteriza por ser informação verbal inserida entre os diálogos visando auxiliar a pessoa cega ou de baixa visão a apreciar o que está se passando na peça audiovisual. É necessário ressaltar que essa tradução não interfere nos efeitos musicais e sonoros, descreve a ação, a linguagem corporal, as expressões faciais, os cenários e os figurinos do que está acontecendo.

A audiodescrição é utilizada para tornar peças de teatro, programas de TV, exposições, cinema, óperas, palestras, eventos esportivos, seminários, congressos, livros, entre outros, acessíveis às pessoas com deficiência visual.

Atualmente, a AD vem gradualmente ganhando maior visibilidade e projeção em muitos locais, à medida que os direitos da pessoa com deficiência visual à informação e ao lazer são reconhecidos e garantidos. Essa técnica começou a ser utilizada profissionalmente nos Estados Unidos nos anos 70. Cada país estabelece critérios específicos para os seus respectivos modelos. Na Espanha, canais como

Canal Sur e TV3 disponibilizam o recurso. No Reino Unido, as emissoras devem fornecer 4% de audiodescrição em sua programação. Na França, o canal TF1 exibe programas com audiodescrição e algumas salas de cinema espalhadas pelo país, como o Cinema MK2, oferecem o serviço de forma permanente. A AD já é bastante utilizada também na Alemanha, Japão, Canadá, Argentina, e outros países.

No Brasil essa realidade é diferente. A audiodescrição ainda é pouco utilizada, além de ser uma prática pouco conhecida no país. Foi exigido um mínimo de 2 horas semanais de audiodescrição para as emissoras de televisão digital, conforme demandado pela Portaria nº 188/2010. Essa quota representa 1,2% de toda a programação emitida pelas redes de televisão aberta digital. Para os próximos 10 anos, são esperadas vinte horas audiodescritas na programação veiculada no horário compreendido entre 6am (seis) e 2am (duas) horas.

Segundo dados do IBGE (2010), no Brasil, mais de 6,5 milhões de pessoas têm alguma deficiência. Devido ao grande público, torna-se cada vez mais essencial que esse recurso seja disponibilizado às pessoas com deficiência visual. No entanto, além desse público, a AD amplia também a compreensão de pessoas com deficiência intelectual, idosos e disléxicos, o que torna ainda mais importante esse recurso de acessibilidade.

É necessário realizar mais pesquisas sobre a AD no Brasil, a fim de que possam ser estabelecidos modelos de audiodescrição que se adequem aos padrões brasileiros, para que sejam, enfim, executados. Além disso, mais pesquisas possibilitarão atrair pessoas interessadas na área, obtendo-se a oportunidade de inserção nesse mercado.

A audiodescrição também pode ajudar no universo escolar, tendo o educador um papel essencial ao descrever as ilustrações nos livros didáticos e de literatura, gráficos, mapas, vídeos, fotos, dentre outros materiais visuais disponibilizados pela escola. É uma forma de contribuir na aprendizagem de todos os alunos bem como os alunos com deficiência visual. Segundo Motta (2011, p. 14):

É importante ressaltar que a audiodescrição também beneficia alunos com deficiência intelectual e alunos sem deficiência, já que desenvolve o poder de observação e a fluência verbal, além de ampliar o acervo de palavras e a cultura geral.

O uso da audiodescrição na escola permite a equiparação de oportunidades, o acesso ao mundo das imagens e a eliminação de barreiras comunicacionais.

Dessa forma a AD é um recurso que pode beneficiar todos os alunos dentro de uma escola.

Foi lançado no Brasil pelo Ministério da Educação em 2009, o Mecdaisy, um manual que constam orientações para descrição de imagem na geração de material digital acessível no padrão Daisy MEC (2009) e diz que possibilita a geração de livros digitais falados e sua reprodução em áudio, gravada ou sintetizada. Entretanto, em pesquisas passadas realizadas na Universidade de Brasília pelo grupo “Acesso Livre” pode-se dizer que o modelo de audiodescrição sugerido pelo Mecdaisy não contempla todos os recursos que podem ser explorados no universo da literatura infantil.

A maioria das pesquisas em audiodescrição é específica para o público adulto e Silva (2009, p.9) diz que:

como as pesquisas em audiodescrição já realizadas até o momento geralmente são voltadas para o público adulto, corre-se também o risco de generalizar esse modelo e utilizá-lo para produções infantis, que têm características diferentes e, consequentemente, precisam de um modelo próprio de audiodescrição.

Países como a Inglaterra, porém, já possuem diretrizes específicas em audiodescrição para crianças, baseadas nas questões cognitivas e de aprendizado como as que constam no guia *RNIB Sunshine House School* (2009). Em momento algum o guia se baseou em teóricos, ele surgiu com base no *feedback* dos pais, crianças e professores e em consulta com um fonoaudiólogo do *RNIB Sunshine House School* e a partir dessas orientações, a audiodescrição para essas crianças foi elaborada.

O guia traz algumas diretrizes de como a audiodescrição pode ser benéfica para o público infantil com deficiência visual que é propensa a ter algumas dificuldades adicionais.

Vale salientar que o guia não traz um modelo específico de audiodescrição devido a vasta gama de necessidades que as crianças têm, mas eles tentam criar descrições que são suscetíveis para melhorar a compreensão nos diversos meios de comunicação, ajudar o seu desenvolvimento da linguagem e dar-lhes um sentido de inclusão.

Nessas diretrizes são tratadas questões como a quantidade de inserções de descrições, idioma, efeitos sonoros, canções e músicas. Antes disso, o guia fala

sobre a aquisição da linguagem, necessidades complexas que as crianças têm, a fala, a música e o sentido da visão.

Primeiramente o guia traz algumas considerações, nas quais afirma que a audiodescrição é importante no processo de aquisição da linguagem. O significado de muitas palavras é aprendido através do que ela vê e faz. Esse processo difere-se em relação às crianças videntes, pois é dito no guia que para a criança que tem limitação visual será mais difícil sua compreensão da palavra.

As crianças desde pequenas adquirem o habito de usar a “ecolalia” que segundo o dicionário Aurélio é a repetição automática de palavras ou de sons ouvidos. O guia *RNIB Sunshine House School* lançado pela Inglaterra pontua sobre a AD nesse processo:

As canções, rimas, e o processo de ouvir o filme mais de uma vez pode ajudar a criança a desenvolver a fala ecológica. (...) A audiodescrição que sinaliza objetos e eventos também pode ajudar com o desenvolvimento da linguagem, pois reforça o significado das palavras. (RNIB, 2009, p.2)

Dessa forma, a fala ecológica, inicialmente, pode ajudar na aquisição da linguagem e através da percepção do som pode ajudar a estimular a capacidade de memorização da criança e reforçar o significado das palavras. Então, a AD assume um papel importante ao passar informações adicionais do livro infantil, por exemplo, e ajudar nesse processo da fala ecológica das crianças com deficiência visual.

O guia *RNIB Sunshine House School* (RNIB, 2009) afirma que o objetivo da audiodescrição é tra

nsmitir a história da maneira mais fácil possível, ou seja, indo direto ao ponto. Porém, pode ser uma descrição mais dinâmica que busque prender a atenção da criança com deficiência visual. As questões de linguagem também são mencionadas no guia, e sugerem que as frases e as palavras devam ter uma construção simples, pois frases descritivas longas são difíceis para as crianças seguirem; entretanto, é aceitável adicionar uma palavra difícil, ocasionalmente, pois pode incrementar o interesse da criança com deficiência visual na busca por seu significado.

Os efeitos sonoros, as canções e as músicas são de extrema importância para manter a atenção das crianças com deficiência visual nos livros e em outros meios comunicacionais infantis. O guia *RNIB Sunshine House School* (RNIB, 2009), ressalta que os efeitos sonoros devem transmitir fortemente a ação, especialmente

em animações infantis. Eles também podem ser muito divertidos, pois as crianças gostam de ouvi-los e imitá-los.

Ter feito a análise desse documento disponibilizado pela Inglaterra (2009) foi importante, pois foi a primeira experiência que se teve durante a pesquisa de parâmetros a serem seguidos com o público infantil em especial com as crianças com DV e o diferencial é que ele beneficia todas as crianças, não só com as crianças com deficiência visual.

2 CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

Para a pesquisa foi escolhida uma abordagem qualitativa devido a presença continua no dia a dia escolar numa condição específica que era observar, participar e propor atividades com a audiodescrição na sala de aula. Conforme Moreira e Caleffe (2006), a pesquisa qualitativa busca explicar as atividades sociais de um determinado grupo e descrever significados que são socialmente construídos, explorando as características dos indivíduos.

Dentre vários métodos utilizados na pesquisa qualitativa, utilizou-se o procedimento de observação participante, entrevistas semiestruturadas com os professores, produção da atividade com o livro infantil durante a prática escolar e por fim, sugestão de atividades com o recurso de audiodescrição. Segundo Gil (2008, p.103):

A observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo.

Outro procedimento utilizado para organizarmos e problematizarmos nossa temática foi à entrevista semiestruturada. Com ela foi possível escutar sujeitos importantes que nos forneceram dados desejáveis com o visto e acompanhado em sala de aula.

Entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de

pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo. (MINAYO, 2010, p. 64).

Ainda segundo Minayo (2010, p.64) “as entrevistas semiestruturadas são aquelas que combinam perguntas fechadas e abertas, nas quais o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”. Triviños (2010) vai de acordo a essa afirmação quando fala que:

a entrevista semiestruturada, em geral, parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. (TRIVIÑOS, 2010, p.146).

A partir do que os autores trazem, podemos perceber que a entrevista semiestruturada parte de perguntas previamente formuladas do assunto da pesquisa, e que, em seguida, oferecem um amplo campo de perguntas, que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do entrevistado.

Um ponto importante deste tipo de instrumento é a forma como, ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação.

Este trabalho se desenvolveu ao longo de 2014 e a observação participante, juntamente com as entrevistas foram muito importantes para o recorte trabalhado e definição dos conceitos norteadores.

2.1 Contexto da pesquisa

Essa pesquisa foi realizada em uma escola regular da rede pública de ensino fundamental, localizada em Brasília-DF, que vai do 1º ano ao 5º ano e atende alunos nos dois turnos, matutino e vespertino. Funciona das 07h30min às 18h00min. Lá são recebidos alunos com e sem deficiência. Dentre elas, crianças com deficiência física, intelectual e visual. O nome da escola foi omitido por questões de sigilo e opção de pesquisa.

A estrutura física da escola é conservada, apesar do espaço das salas de aula ser pequeno para comportar algumas turmas grandes, o que dificulta o trabalho dos professores em diversos momentos, além de ser limitado para realização de algumas atividades.

Há oitos salas de aula, uma secretaria, uma direção, uma coordenação, uma sala para orientação educacional, uma cantina, uma sala de recursos, um almoxarifado e uma sala para os funcionários da manutenção. Há uma sala para os professores, reservada para planejamentos e reuniões. Há um laboratório de informática, porém não existe uma periodicidade fixa para que os alunos faça atividades nos computadores por falta de professor qualificado na área. Há um espaço central amplo e colorido com um palco de apresentações e quadra de esportes, que é o ambiente no qual os alunos passam a maior parte do recreio.

Apesar de apresentar esse espaço de lazer, as crianças não possuem objetos e jogos para poder brincar e acabam ficando livres sem muita supervisão, pois não há professores para ficar acompanhando-as. Algumas vezes algum monitor fica no intervalo, mas não supervisiona todos os alunos, apenas a criança que apresentar uma demanda maior.

Na escola há vários murais que sempre estão sendo atualizados, neles podemos encontrar trabalhos dos estudantes em comemoração a páscoa, dia das mães, dia dos pais, projetos realizados pelas turmas e comunicados gerais. A escola tem banheiros femininos e masculinos para serem utilizados pelos estudantes e outros dois para os professores e funcionários. Entretanto, não possui acessibilidade totalmente adequada para atender as necessidades dos alunos. Esses banheiros não são adaptados. A acessibilidade é escassa em toda a escola, faltam pisos táteis que auxiliam na passagem das crianças em todas as dependências da escola. Além disso, faltam recursos que ajudam no desenvolvimento cognitivo de cada aluno, como por exemplo, os materiais adaptados que poderiam ser disponibilizados pela instituição e não são.

A escola, atualmente, têm 4 alunos com deficiência visual (DV), sendo que um apresenta um funcionamento autístico e outro TDAH. A maioria dos alunos que estudam nessa escola passam pelo Centro de Educação Especial para Deficientes Visuais (CEEDV), onde são alfabetizados. Na sala de recursos, as crianças e professores são atendidos de acordo com a demanda de exercícios, de materiais específicos, entre outros. Um exemplo de atendimento é quando a atividade de um aluno DV é levada à sala de recursos para que possa ser digitalizado, na máquina Braille. O aluno faz a atividade na sala regular e ela é levada, novamente, para a sala de recursos, para que seja transcrita para a professora corrigir.

Acompanhamos por mais de um semestre a prática docente em uma turma de 4º ano na escola. Primeiramente, com observação devido a uma pesquisa de iniciação científica que estava sendo realizada em conjunto com estágio obrigatório e, por isso, tivemos uma aproximação maior com as crianças. Foi feita observação por um semestre a fim de entender melhor o contexto da escola, sala e estabelecer um vínculo com as crianças em suas atividades escolares.

Antes de iniciar as observações em sala tivemos a oportunidade de conversar com a orientadora e depois com a professora da turma a qual acompanhamos ao longo do semestre. Foi explicado brevemente sobre a audiodescrição e falado que existia o interesse de realizar atividades de audiodescrição com as crianças. A intencionalidade pedagógica foi colocada como condição para a utilização desse recurso e que essas experiências poderiam trazer enriquecimento ao desenvolvimento das crianças. A professora foi muito compreensiva, adorou a ideia, porém, na prática não foi exatamente isso que aconteceu, pois durante as observações ela se mostrou bastante resistente e não dava oportunidade para realizar as atividades com o recurso de audiodescrição.

Acreditamos ser esse o ponto que diferencia um educador de outro. Existem professores que estão abertos para o conhecimento, à busca do desenvolvimento dos alunos e outros que simplesmente fecham as portas e os mais prejudicados são as próprias crianças. Nos últimos dias de aula, depois de muita insistência, a professora permitiu que fizéssemos a atividade que era de apresentar a história do livro, com audiodescrição, para os alunos da turma ouvirem.

São vários os recursos e ações que o professor pode fazer para potencializar o desenvolvimento dos alunos. Enquanto um aluno pode precisar se sentar mais perto do quadro, o outro irá ter mais acesso melhorando com uma iluminação adaptada. Em outro caso, o estudante pode precisar da máquina Braille, para realizar suas atividades e outro apenas material ampliado. E enquanto um aluno precisará de um livro com muitas ilustrações e bem interativo o outro pode precisar de um livro com audiodescrição. O professor tem que traçar maneiras diferentes para lidar com cada situação.

Laplane e Batista (2008) dizem que não há, portanto, uma conduta única que possa ser seguida em todos os casos, mas sim, estratégias de caráter geral que podem facilitar o trabalho escolar e derrubar barreiras de comunicação e acesso ao conhecimento.

2.2 Sujeitos da pesquisa e procedimentos na realização das entrevistas

As entrevistas foram realizadas na escola de ensino fundamental da rede pública do Distrito Federal, durante a etapa de observação. As informações foram construídas por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com duas professoras, que são atuantes na sala regular e na de recursos.

As entrevistas aconteceram em turno contrário das aulas, com encontros e cronograma acertados previamente, com os professores. Foi entregue um termo de consentimento livre e esclarecido para os professores que falaram que não tinha necessidade do documento, pois preferiam que fosse uma conversa mais informal. Apesar disso, a elaboração desse termo teve por objetivo resguardar os cuidados éticos para com os participantes da pesquisa, e ainda como forma de assegurar a identidade dos sujeitos envolvidos.

Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos a partir de sua participação e envolvimento com as crianças com e sem deficiência visual em sala de aula. Com a ocorrência de mudanças na gestão da escola no ano de 2014 e 2015 houve algumas modificações no quadro docente. Dentre as professoras entrevistadas, uma delas atua há muitos anos na sala de recursos. Outra atuou em 2015 na mesma turma que foi acompanhada em 2014 e com ela foi possível realizar a entrevista, apesar de ter chegado há pouco tempo na escola à época da entrevista. Infelizmente a professora que estava atuando na turma do 4º ano em 2014, quando se realizou a atividade na escola, foi transferida e, por isso, não foi possível entrevistá-la.

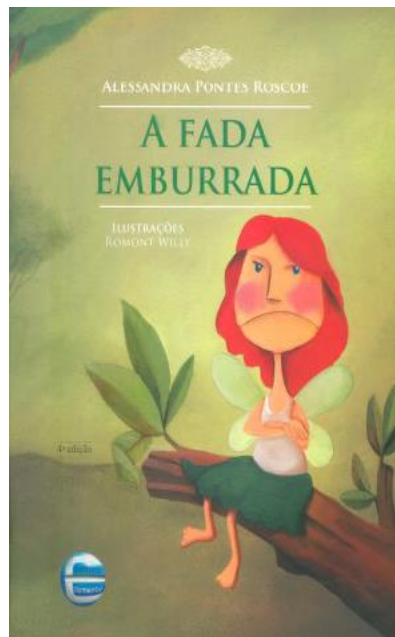
Entre os sujeitos da pesquisa, as professoras, encontramos idades entre 30 e 50 anos. A professora da sala de recursos (professora A) está na escola há bastante tempo e já fez vários cursos de capacitação em Braille disponibilizado pelo MEC (Ministério da Educação). Uma delas é atuante na rede pública de ensino há mais de 10 anos e ambas graduadas em Pedagogia. A professora atual da turma do 5º ano de 2015 (professora B) é temporária e está terminando um curso de capacitação em Braille disponibilizado pelo MEC.

Os outros sujeitos participantes da pesquisa, alunos do 4º ano do Ensino Fundamental no ano de 2014, estiveram presentes nos momentos realizados, na rotina escolar, nas inserções com o livro didático com audiodescrição e na sugestão

de atividades pedagógicas futuras. Atualmente estão na turma do 5º ano do Ensino Fundamental.

Durante as entrevistas, foi possível perceber a opinião de cada professora, o seu conhecimento (ou não) acerca da audiodescrição, sua visão de inclusão e sua importância no ambiente escolar.

2.3 Instrumento utilizado - livro infantil



Um dos momentos mais significativos da construção desta monografia foi o trabalho pedagógico com o livro audiodescrito “A Fada Emburrada”, da autora Alessandra Pontes Roscoe, Ed. Elementar, fruto da pesquisa do PIBIC com o foco exatamente na elaboração da audiodescrição com base nos parâmetros específicos para o público infantil sugeridos pelo guia (RNIB, 2009) realizado por estudantes do grupo “Acesso Livre”, desenvolvida no ano de 2013/2014.

Faremos um breve resumo da história do livro, que se passa em uma floresta encantada com direito a gnomos, fadas, pescadores, animais... Lá cada um exercia seu devido papel. Os rios eram límpidos e cheios de peixes. Todos viviam felizes. Exceto Ninfa, uma linda fada que não gostava de nada, pois sempre reclamava de tudo, vivia de cara amarrada e nunca ria de nada. Todos tentavam alegrá-la, mas sempre a deixavam mais irritada. Com a ajuda do mago, tudo virou ao contrário: animais ficaram zangados, pescadores mal-encarados, flor querendo murchar... A floresta toda pareceu enfezada. Ninfa sentiu falta da alegria que não via mais, então

arriscou um sorriso, passando assim a gargalhar. Ela percebeu que era muito chato reclamar de tudo e que tinha muitos motivos para ser feliz! Deixou de ser emburrada e virou muito mais encantada!

A audiodescrição da história “A Fada Emburrada” estava gravada no computador e assim que surgiram alguns minutos livres na aula, com a autorização da professora foi realizada a primeira atividade com as crianças. Primeiramente foi passada a história do livro sem interrupções para as crianças ouvirem e falarem o que entenderam do enredo. Em seguida, a história foi passada novamente, mas com algumas interrupções para saber qual a compreensão dos alunos de cada parte (esse procedimento se repetiu duas vezes). Após essa etapa foi feito um questionário informal com oito perguntas para compreendermos o efeito do instrumento na intervenção pedagógica.

- 1- Qual o lugar em que a história acontece?
- 2- Quem são os personagens?
- 3- Como os personagens estão vestidos? Descreva as cores.
- 4- Quantos gnomos aparecem na história? O que eles faziam?
- 5- Como era ninfa? Ela era feliz ou triste? Por quê?
- 6- Ninfa tinha irmãs? Se sim, quem eram?
- 7- O que o mago fez?
- 8- Ninfa ficou feliz depois? Por quê?

Optamos por fazer um questionário com perguntas simples e apenas sobre a história do livro a “A Fada Emburrada”. Assim que a história foi passada para os alunos ouvirem, foram feitas perguntas sobre o enredo e a audiodescrição. Foi um momento interessante, pois as crianças nunca tinham escutado uma história de um livro apenas por áudio e isso fez com que todas ficassem entretidas na atividade.

3 *CAPÍTULO 3 – DISCUSSÃO DA EXPERIÊNCIA ACOMPANHADA*

3.1 *Recepção das crianças com o livro “A Fada Emburrada”*

Foi feito um encontro, no qual a história foi passada para os alunos da classe que acompanhamos. À medida que a história ia sendo contada, mediada por meio das perguntas foi possível perceber a dificuldade que a aluna com deficiência visual tem em se concentrar e acompanhar os outros da turma. Foram feitas perguntas para todos os alunos sobre partes do livro e ela só respondia depois de um tempo quando a chamava pelo nome. Por exemplo, “E você? Compreendeu em que

ambiente acontece a história?”. Acreditamos que como os outros alunos respondiam primeiro e depois a pergunta era feita individualmente a ela, ela refletia a partir das respostas deles e disso formulava a sua.

Não se pode deixar de falar que cada aluno tem seu ritmo e seu tempo em realizar qualquer tarefa. Esse momento foi importante, pois vimos que todos os alunos estavam juntos realizando a mesma atividade. Diferente do que havíamos observado no dia-a-dia em sala de aula. Em geral, os alunos faziam uma atividade enquanto a aluna com DV estava fazendo outra totalmente diferente. Essa aluna estava ali, naquele ambiente social de interação, mas ao mesmo tempo não, pois não participava da aula como deveria. Um dos únicos momentos em que foi percebida essa interação era nas rodinhas (fora da sala de aula) em que todos os alunos se reuniam no pátio para cantar e conversar com a diretora do colégio que sempre fazia perguntas para eles sobre diversos temas.

O educador influencia muito na aprendizagem do aluno. Nessa escola, por exemplo, há um déficit de professores qualificados para atender crianças com necessidades específicas e conseguem adaptar o material necessário àqueles que precisam. A professora do 4º ano (2014) não tinha experiência em sala de aula com crianças com deficiência visual e isso incluía o desconhecimento do Braille. Em uma conversa, ela disse que não estava preparada para dar aula para crianças DVs, pois não tinha estrutura psicológica para trabalhar com eles.

Acreditamos que o papel do educador é acima de tudo saber lidar com diversas situações e buscar ajuda quando situações como essas acontecerem. Além disso, ela deixou claro que o seu foco era libras, pois na outra escola ela trabalhava com crianças surdas, inclusive aquele seria seu último semestre, pois havia conseguido transferência para a escola em que ela trabalhava antes e de fato foi o que aconteceu.

Após os resultados obtidos nos encontros com a experiência do livro “A Fada Emburrada” pode-se dizer que foram encontradas informações importantes e satisfatórias. Segundo a professora que esteve acompanhando no decorrer da pesquisa, os sons, as músicas e os efeitos sonoros em geral, são recursos que chamam a atenção de todas as crianças, principalmente, as com deficiência visual. Os alunos, em geral, acharam que a AD ajudou muito na compreensão da história do livro, apesar de nem todos terem entendido o enredo completo.

Em alguns momentos, a audiodescrição muito detalhada se tornou confusa para as crianças causando um desconforto na compreensão do que estava acontecendo. Foram feitas, também, algumas sugestões como deixar mais devagar as falas, evitar a sobreposição da narrativa da história e audiodescrição e passar um glossário antes para melhorar a compreensão do significado de algumas palavras.

Como não existe um modelo adequado de AD para o público infantil, apenas o guia *RNIB Sunshine House School* (RNIB, 2009), pela Inglaterra, com algumas instruções de como a audiodescrição pode ser trabalhada com as crianças, o papel do professor como mediador desse recurso de acessibilidade é fundamental. Ele poderá intervir quando necessário de acordo com a diversidade de compreensão dos seus alunos em sala.

Como sugestão de atividades com audiodescrição, a turma teve várias ideias. Foi sugerido que todos os dias no momento em que eles fazem a leitura do livro didático da semana, a professora ao invés de mostrar para as crianças as imagens e figuras dos livros foi proposto que ela tentasse audiodescrever de forma similar ao livro “A Fada Emburrada” com suas adaptações necessárias e depois que os alunos videntes estavam mais familiarizados com a audiodescrição, esse papel de mediador pode ser feito por eles mesmos como, por exemplo, audiodescrever alguma atividade que a professora tenha passado em sala ou para ser feito em casa.

Essa ideia foi muito interessante, pois é uma maneira das crianças explorarem sua imaginação em relação à história que foi escutada e utilizarem recursos de acessibilidade que atendam o universo de todas as crianças que se tem em classe.

3.2 Projeto Político-Pedagógico da escola

Como um dos objetivos da pesquisa é saber como a inclusão é tratada dentro da escola analisá-lo foi uma parte importante da pesquisa. Entretanto, não foi possível ter acesso ao PPP atual, por isso não sabemos se houve modificação ou não. Foi publicado em 2011 um trabalho final de curso com o tema “O jogo e o brinquedo como mediadores da interação entre crianças com deficiência visual e videntes” na Universidade de Brasília e apresentado por Lígia Marino Alves. Esse trabalho foi realizado na mesma escola em que foi feita esta pesquisa, no qual consta o PPP da instituição e foi por meio dele que o PPP foi analisado.

O Projeto Político-Pedagógico da escola onde foi realizada a pesquisa, em sua proposta, contempla os alunos com necessidades específicas e a inclusão. No item função social (p.13) da instituição consta: “A escola deve assegurar a todos os alunos, principalmente aos portadores de necessidades educacionais especiais, oportunidade de prosseguimento nos estudos, visando sua inserção na sociedade como cidadãos conscientes e agentes transformadores”.

O PPP apresenta valores como: respeito e tolerância, ética, cidadania, justiça, solidariedade, responsabilidade, cooperação, religiosidade, criticidade, honestidade e simplicidade e por fim, liberdade e criatividade.

No PPP da instituição mais uma vez fala da diversidade:

A missão da instituição de ensino é educar respeitando as diversidades pessoais e do cotidiano da vida escolar, oferecendo aos educandos que aqui estudam um ensino de qualidade contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e capazes de transformar positivamente esta sociedade”. (2010, p. 3)

Nos objetivos, a inclusão também está presente “(...) formação de valores e o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços, de solidariedade humana e de tolerância proporcionando a inclusão dos alunos com necessidades educacionais (ANEE's) dentro de ambiente harmônico, com respeito e solidariedade.” (2010, p. 5).

Foi possível observar por meio de trechos do projeto Político-Pedagógico da escola pública do Distrito Federal, no qual foi feita a pesquisa, que existe a inclusão em especial de crianças com deficiência visual e crianças com deficiência intelectual. Por meio do trabalho da gestão escolar e de projetos, juntos com a comunidade, a escola busca um ensino respeitando as diferenças e com o olhar para o outro.

3.3 Problemática das entrevistas com as professoras

3.3.1 A inclusão e o Projeto Político Pedagógico

Apesar do PPP da escola apresentar todo esse discurso inclusivo, na prática não acontece dessa maneira. Foi possível isso perceber durante o tempo em que passamos fazendo observação na escola e também, nas entrevistas feitas com as professoras.

Podemos observar na fala das professoras entrevistadas, a sua posição em relação ao PPP da escola:

“Bom, a inclusão é linda na teoria, mas na realidade é muito difícil. O problema vem desde as autoridades que não dão recursos suficientes como, por exemplo, faltam materiais adaptados e também a lotação nas salas de aula. Com isso, nós professores não damos conta de dar atenção para todos.” (Professora B).

“Estou nessa escola há 10 anos e posso falar que já se passaram bons professores por aqui, mas o problema é que ninguém dá conta de fazer tudo sozinho. Eu mesma estou saindo esse semestre e indo trabalhar em outra escola, porque acaba caindo tudo em cima de mim e eu gostaria muito que o PPP da escola se concretiza de fato no dia-a-dia da escola, mas nós educadores não damos conta” (Professora A).

As professoras apresentaram discursos muito semelhantes quando disseram que apesar do PPP trazer questões da inclusão, na prática da escola isso não acontece. Sabemos que isso não é um problema apenas dessa escola, pois ainda é muito comum o que está escrito não ser seguido literalmente.

Durante a conversa, elas ainda ressaltam que escola tenta manter um ambiente acessível e diversificado, mas que ainda existem muitas outras dificuldades enfrentadas:

“As turmas estão superlotadas. A professora tem que dar conta de mais de 20 alunos sendo que temos crianças com TDAH, com deficiência visual, intelectual e muitas outras especificidades. Além de muitas famílias ausentes que simplesmente deixam o filho aqui na escola e não da um apoio em casa e olha que sempre chamamos os pais para reuniões, mas parece que entra por um ouvido e sai por outro.” (Professora A).

“Muitos pais são ausentes, nesse ano mesmo vamos ter que reprovar uma aluna, pois ela não tem condições nenhuma de ir para o 6º ano. Lá não vai ser que nem aqui que é um professor para todas as disciplinas. Lá os professores não estão nem ai.” (Professora B).

Com base nos aspectos apresentados, podemos ver que ainda há uma defasagem da na junção da teoria e da prática instituída na escola e que essa falta da prática contida no PPP só tem a atrapalhar a dinâmica escolar, no qual os maiores prejudicados são os alunos.

3.3.2 Experiência com a audiodescrição

Um segundo momento das entrevistas foi falado sobre o recurso de audiodescrição. Podemos perceber a falta de conhecimento sobre a audiodescrição nas falas das professoras a seguir:

“Já ouvi falar, mas nunca me aprofundei em nenhum teórico e também não sei como é direitinho, porque sou professora da sala de recursos e nunca foi necessário utilizar a audiodescrição. Eu só fico na adaptação de materiais em Braille”. (Professora A)

“Não conheço. O que é?” (Professora B).

Diante da visão das educadoras acerca da experiência com a audiodescrição, fica clara a falta de informação e o conhecimento superficial ou nulo a respeito do recurso. Depois que explicamos para ambas sobre o recurso, os benefícios, como e onde ele pode ter utilizando elas relataram algumas experiências que poderiam ser semelhantes a audiodescrição:

“Teve um dia que os alunos foram assistir um filme e eu senti a necessidade de sentar ao lado dos alunos com deficiência visual e fazer a descrição do que estava acontecendo na tela”. (Professora A).

“Já tive experiências semelhantes e que inclusive na semana passada os alunos foram ao cinema e eu me sentei ao lado dos dois alunos com DVs e fui descrevendo as imagens que iam se passando na tela.” (Professora B).

“Fizemos algumas atividades fora de sala também e era necessário contar aos alunos com deficiência visual como era o ambiente. Os alunos mesmo ajudavam e descreviam”. (Professora B).

Podemos perceber na fala das professoras que apesar delas não terem conhecimento do termo “audiodescrição” em alguns momentos em suas práticas

pedagógicas elas audiodescreviam quando sentiam necessidade, mas vale ressaltar que era feito sem seguir nenhum parâmetro ou guia, apenas pelo senso comum.

São vários os contextos que os alunos com deficiência visual podem ter as informações prejudicadas. Por isso, foi importante a intervenção das professoras nas vivências relatadas acima. Dessa forma, podemos observar que são contextos adversos, nos quais o professor pode contar com o recurso de audiodescrição beneficiando o acesso as informações tanto dos alunos com deficiência visual como a dos videntes.

O objetivo não é tornar os professores audiodescritores profissionais, mas qualificá-los para que sua atuação na escola seja relevante e possa tornar acessíveis às informações que os alunos com deficiência visual não tenham acesso. Silva (2012) acrescenta:

“é possível treinar professores para que os mesmos sejam capazes de fazer descrições que, mesmo não estando num nível que possa ser chamado de profissional, sejam altamente eficazes”. (p.294)

Ambas as professoras mostraram-se muito interessadas em conhecer mais sobre a audiodescrição e até pediram que fossem enviados a elas materiais para utilizarem em suas práticas pedagógicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A audiodescrição em livros é uma ferramenta importantíssima para garantir acesso literário às crianças com deficiência visual. Ao longo dos anos foi possível pensar e propor atividades com professoras de sala de aula com o uso da audiodescrição. Isso possibilitou que a turma se beneficiasse e compreendesse ainda mais sua importância.

As práticas com audiodescrição realizadas trouxeram aos alunos com deficiência visual e aos videntes a possibilidade de conhecer um novo recurso de acessibilidade. A audiodescrição tem um papel importante nesse processo de inclusão, auxiliando crianças e adolescentes com deficiência visual a terem acesso a informações importantes referentes às ações dos personagens, aos próprios personagens, aos ambientes e ao tempo com o livro infantil trabalhado.

Esta pesquisa demonstra o quão é importante a utilização de recursos como a audiodescrição na sala de aula, pois proporcionam um ambiente e vivências mais lúdicas na escola e contribuem para uma educação mais comprometida com o outro e com sua aprendizagem.

Por fim, segundo relato de parte da gestão escolar foi importante o conhecimento sobre a audiodescrição, esse recurso de acessibilidade, que é pouco falado e trabalhado, podendo potencializar-se como um excelente recurso pedagógico na escola e, assim, promover acesso e aprendizagem das crianças com deficiência visual.

PARTE III

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Minhas perspectivas profissionais estão voltadas primeiramente para o trabalho em sala de aula. Pretendo prestar concurso público para a Secretária de Educação, para poder desenvolver na prática, os princípios defendidos neste trabalho na escola pública.

Após um período trabalhando como professora, eu pretendo fazer mestrado na Universidade de Brasília. Também desejo fazer doutorado e buscar compreender cada vez mais a educação e potencializar minha prática como educadora.

De todos os meus projetos o mais desejado é ser professora na Universidade de Brasília.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lígia Marino. **O jogo e o brinquedo como mediadores da interação entre crianças com deficiência visual e videntes**. 2011. 56 f. Monografia (Especialização em Psicopedagogia Ca e Institucional) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

BATISTA, Guarnieri. **Formação de conceitos em crianças cegas: questões teóricas e implicações educacionais**. Psic.: Teor. E Pesq. [Online]. 2005, Vol.21, N.1, p. 07-15. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0102-37722005000100003>>. Acesso em: 14 ago. 2015

BOURNE, Julian. **El impacto de las Directrices ITC en el estilo de cuatro guiones AD em inglês**. In: HURTADO, Catalina Jiménez (ed). Traducción y accesibilidad. Frankfurt: Peter Lang, 2007, p.179-198.

BRASIL. Censo Demográfico 2010. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia_tab_pdf.shtm> Acesso em: 28 out. 2015.

_____. Constituição da República Federativa do Brasil 1988. Brasília. **Centro de Documentação e Informação**- Coordenação de Publicações, 2002.

_____. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO, 1994.

_____. MEC, Secretaria de Educação Especial, **Educação inclusiva: v. 3: a escola / coordenação geral SEESP/MEC; organização Maria Salete Fábio Aranha**. – Brasília, 2004. 26 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aescola.pdf>> Acesso em: 05 nov. 2015.

_____. Ministério da Educação. **Nota Técnica Nº 21/2012/MEC/SECADI/DPEE, Orientações para descrição de imagem na geração de materiais digital acessível – MECDAISY**. Brasília-DF, 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10538-nota-tecnica-21-mecdaisy-pdf&category_slug=abril-2012-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 25 ago. 2015.

_____. Ministério das Comunicações. **Portaria Nº188**, Brasília, DF, 24 de Março de 2010.

COLL, César; PALACIOS, Tésus; NIARCHESI, Álvaro. **A integração educacional.** In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARECHESI, A. (org.). Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar. Vol. 3. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 14-19.

FILHO, Teófilo, Alves Galvão; MIRANDA, Theresinha Guimarães (organizadores). **O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares.** Salvador: EDUFBA, 2012. 491p.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

LAPLANE, Adriana Lia Frizman de; BATISTA, Cecília Guarnieri. **Ver, não ver e aprender: a participação de crianças com baixa visão e cegueira na escola.** Cadernos CEDES (Impresso), v.28, p.209-227, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática.** 5.ed. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (ORG); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MOREIRA, H. e CALEFFT, L. G. **Metodologia da Pesquisa para o professor pesquisador.** Rio de Janeiro: ed. DP&A, 2006.

MOTTA, L. M. V. M. **Tradução Simultânea. Como transformar imagens em palavras e permitir que crianças cegas ampliem sua percepção e seu repertório artístico e escolar.** Artigo Carta Fundamental. Disponível em: <<http://www.vercompalavras.com.br/pdf/artigo-carta-fundamental-2011.pdf>> Acesso em: 30 ag. 2015.

OCHAITA, E.; ROSA, A. **Percepção, ação e conhecimento nas crianças cegas.** In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARECHESI, A. (org.). Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar. Vol. 3. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 183-197.

OFTALMOLOGIA, Conselho Brasileiro de. As Condições de Saúde Ocular no Brasil. 1º Edição. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.cbo.com.br/novo/medico/pdf/01-cegueira.pdf>> Acesso em: 28 out. 2015

RNIB. Royal National Institute Of Blind People. **Audio description for children.** 2006. RNIB - *Sunshine House School* (2009). [Site]. Disponível em: <http://www.rnib.org.uk/xpedio/groups/public/documents/publicwebsite/public_AD_forchildren.doc>. Acesso em: 29 ago. 2015.

SÃO PAULO. Governo do Estado São Paulo. **Relatório mundial sobre a deficiência / World Health Organization**, The World Bank; tradução Lexicus Serviços Lingüísticos. - São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência-SEDPcD, 2012. 334 p.

SILVA, Manoela C. C. C. Com os olhos do coração: **Estudo acerca da audiodescrição de desenhos animados para o público infantil**. OS OLHOS DO CORAÇÃO: 1ª edição. Salvador: UFB, 2009. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística)

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva, 1928 – **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação** – 1, ed. – 19 – REIMPI. – São Paulo: Atlas, 2010.

VEIGA, Ilma Passos da. **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva**. In: VEIGA, Ilma Passos da (org.). Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. Campinas: Papirus, 1998. p.11-35.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas: fundamentos de defectologia**. Tomo V. Madrid: Visor, 1997.

APÊNDICE



Universidade de Brasília

Faculdade de Educação

Pesquisadora: Bárbara Leitão de Carvalho

Matrícula: 120026911

Termo de consentimento livre e esclarecido

Convidamos a escola a participar da pesquisa sobre o uso da audiodescrição em seu contexto escolar. Essa pesquisa tem como objetivo investigar qual a contribuição da audiodescrição na prática docente em sala de aula e a importância de um espaço pedagógico que promova a utilização da audiodescrição. Para tanto, conta com a necessidade de obter informações a respeito do tema abordado através de uma entrevista com professores e coordenadores.

A sua participação na pesquisa não é obrigatória. Caso concorde em participar, você pode desistir e retirar o seu consentimento a qualquer momento. Sua participação não trará nenhum prejuízo na sua relação com a pesquisadora nem com a instituição na qual serão realizadas as atividades.

Todas as informações obtidas por meio de entrevista semiestruturada, a ser gravada, serão asseguradas pelo sigilo. Os dados não serão divulgados com a identificação, pois não haverá colocação de nomes reais. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora, podendo tirar dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento da pesquisa.

Pesquisadora: Bárbara Leitão de Carvalho

Ass. _____

Contato: (61) 9909-9869 ou barbaraleitaounb@gmail.com

Orientadora: Prof^a Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues

Ass. _____

Contato: vidalrodrigues@yahoo.com.br

Declaro que entendi os objetivos e como será a minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome do participante: _____

Ass. _____

Contato: _____



Universidade de Brasília

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

NOME: _____

IDADE: _____ **SEXO:** () FEMININO () MASCULINO

FORMAÇÃO ACADÊMICA: () MAGISTÉRIO (Ensino Médio)

() GRADUAÇÃO EM:

() ESPECIALIZAÇÃO EM:

() MESTRADO EM:

() DOUTORADO EM:

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: () REDE PRIVADA

() REDE PÚBLICA

() SALA DE AULA REGULAR

() SALA DE RECURSOS

() OUTRO:

Professores e Coordenadores:

- 1) Como você tem vivido e sentido a inclusão na sua escola e na rede do Distrito Federal?
- 2) Você conhece sobre o recurso de audiodescrição? Se sim, o quê?
- 3) Existem experiências com esse recurso de acessibilidade na sua escola?
- 4) Você acha importante a utilização do recurso de audiodescrição na sala de aula? Já utilizou? Como você utilizaria?

Complementação de frases:

Quando penso sobre inclusão hoje...

Audiodescrição aparece na minha prática...

A contribuição da audiodescrição na prática pedagógica é...

PROPOSTA PEDAGÓGICA DA ESCOLA CLASSE INCLUSIVA LOCALIZADA NO DISTRITO FEDERAL

Brasília – 2010

De acordo com a Proposta Pedagógica da Secretaria de Educação do DF, que discorre sobre a organização escolar pressupõe-se:

“do ponto de vista filosófico, a construção de diretrizes curriculares permeadas por princípios que devem inspirar o currículo e os projetos pedagógicos, quais sejam, princípios axiológicos que possibilitem o fortalecimento dos laços de solidariedade e de tolerância recíproca, a formação de valores, o desenvolvimento como pessoa humana, a formação ética, o exercício da cidadania. E os princípios pedagógicos, estruturados sobre a interdisciplinaridade e a contextualização que vinculem a educação ao mundo do trabalho e à prática social, à compreensão de significados, à preparação para o exercício da cidadania, à construção da autonomia intelectual e do pensamento crítico, ao aprendizado da flexibilidade para a compreensão das novas condições de vida e de organização social, ao relacionamento da teoria com a prática.”

A presente proposta pedagógica segue os mesmos princípios, atendendo à clientela da Escola Classe X, como tributária da Escola Parque Y. Esta proposta representa a necessidade desta Instituição de Ensino, de contribuir para o avanço e desenvolvimento de uma nova forma de ensino permitindo aos alunos desenvolverem seu raciocínio crítico e criativo. Assim, procura abranger todos os processos formativos tais como a família, comunidade e demais instituições.

A Escola Classe X oferece Ensino Fundamental de nove anos (Séries Iniciais). É inclusiva de deficiência visual e deficiência mental.

Ciente da importância da formação humana e cristã além das outras competências, procura estimular o uso de todos os recursos pedagógicos e atividades que permitam tratar as habilidades a serem adquiridas pelos alunos de forma contextualizada e interdisciplinar.

Há um esforço conjunto da direção, professores e servidores para facilitar a integração entre os educandos, família e escola, estimulando o fortalecimento de valores, que com certeza estará contribuindo cada dia mais para a formação de cidadãos conscientes que irão assumir de forma significativa seu papel de construtor de uma sociedade mais humana e solidária.

Esta proposta será avaliada ao longo de todo processo com a participação de toda comunidade escolar, possibilitando ajustes, a qualquer tempo que se julgar necessário.

FUNÇÃO SOCIAL DA INSTITUIÇÃO

A escola deve assegurar a todos os alunos, principalmente aos portadores de necessidades educacionais especiais, oportunidade de prosseguimento nos estudos, visando sua inserção na sociedade como cidadãos conscientes e agentes transformadores.

Estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo a articular seus interesses respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração.

Observar e explorar o meio ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como agente integrante e dependente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação.

Utilizar as diferentes linguagens ajustadas às diferentes intenções e situações de forma a compreender e ser compreendido, expressando suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos, enriquecendo, dessa forma, sua capacidade de expressão.

Fortalecer a autoestima e ampliar de forma gradativa sua capacidade de comunicação e interação social, em especial aos alunos da inclusão.

Conhecer e valorizar as diversas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse e respeito e participação frente às mesmas.

Para que esta instituição de ensino garanta a todos as condições de viver plenamente a cidadania, principalmente em relação aos alunos com necessidades educacionais especiais serão desenvolvidos os seguintes valores:

Respeito e Tolerância – convivência harmoniosamente com todos sem discriminação, respeitando as diferenças individuais, os alunos com necessidades especiais, e promovendo a integração. Respeito mútuo por meio da percepção de valores e desenvolvimento de atitudes positivas pelo eu, pelo próximo e pelo meio ambiente. Reconhecimento dos limites e das possibilidades pessoais e alheias.

Ética – **reflexão crítica sobre o conjunto de princípios, crenças e regras que orientem o comportamento dos indivíduos da comunidade escolar. Não tem um caráter norma preocupação com a consistência e a coerência entre os valores e as ações, pautadas em uma série de prescrições que as sociedades valorizam e que o Brasil tanto necessita para orientar a conduta dos indivíduos.**

Cidadania – uma pedagogia centrada na formação da pessoa solidária, sensível à época em que vive e preparada para ocupar seu lugar de cidadão consciente e participativo.

Justiça – desenvolvimento da capacidade reflexiva de elaborar e analisar normas e regras e a necessidade de sua manutenção em função do atendimento do princípio de justiça. Implica o posicionamento contrário às situações de injustiça tanto no cotidiano como nos acontecimentos próximos e distantes.

Solidariedade – partilhar de um sentimento de interdependência de pertinência a uma comunidade de interesses e afetos, tomando para si para si questões e responsabilizar-se pessoal e coletivamente por elas.

Responsabilidade – habilidade de tomar conta de si mesmo e responder pelos seus atos em relação à comunidade e ao meio ambiente.

Cooperação – promover a cooperação de todos os segmentos da escola nas atividades desenvolvidas.

Religiosidade – proporcionando educação humana e cristã às crianças e esforçando-se por oferecer aos alunos o conhecimento progressivo de si mesmo, das suas potencialidades e limites nas dimensões biológicas, psicológicas, sociais, espirituais e afetivas. Nesse processo ajudar cada um a ser sujeito de sua própria educação e eficiente colaborador na educação dos outros.

Críticidade – adotando metodologias de ensino diversificadas que estimulem a autonomia, o pensamento crítico e o ser capaz de adaptar-se a novas situações, superando a fragmentação do conhecimento.

Honestidade e Simplicidade – demonstrando clareza e honestidade em todas as atividades desenvolvidas de forma objetiva, apreciando as coisas simples da vida.

Liberdade e Criatividade – proporcionando e acolhendo ações inovadoras e criativas por parte de quaisquer membros da comunidade desde que visem melhorar a qualidade de ensino.

MISSÃO

A missão desta instituição de ensino é educar respeitando as diversidades pessoais e do cotidiano da vida escolar, oferecendo aos educandos que aqui estudam um ensino de qualidade contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e capazes de transformar positivamente esta sociedade.

Ser criativamente fiéis à missão educativa por meio de estratégias adequadas ao desenvolvimento do aluno nas quatro relações fundamentais que lhe facilitam construir a felicidade para si e para o desenvolvimento de uma relação construtivista em relação aos outros, à natureza, ao meio ambiente e com Deus (através do cultivo dos valores).

HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO

A Escola Classe X é uma instituição de ensino, que desde a década de 60 atende alunos de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental. Sua fundação teve como objetivo, de acordo com o Plano Diretor de Brasília, atender as crianças moradoras das quadras vizinhas. Também ofereceu o antigo Ensino Supletivo que foi extinto na década de 90 por número reduzido de alunos, sendo estes transferidos para outra instituição. Nesta mesma década, foi iniciado o atendimento primeiramente, aos alunos com deficiência mental e posteriormente, aos alunos portadores de deficiência visual.

Esta instituição teve seu início em um galpão situado à L2 Sul. Posteriormente, passou a funcionar em um dos blocos da SQS, até a inauguração da atual sede. Sofreu duas reformas, em 1984 e 2007, gozando atualmente de condições satisfatórias para o atendimento aos alunos, principalmente aos portadores de necessidades especiais.

Hoje, os alunos atendidos pertencem não só à Unidade de Vizinhança Escolar (UVE), mas também são oriundos das cidades satélites e do entorno de Brasília. Em virtude da diversidade da clientela, salienta-se a riqueza social desta instituição de ensino que faz com que seu trabalho pedagógico se torne mais complexo, porém, traz uma oportunidade ímpar de desenvolvimento às crianças e profissionais da educação que aqui atuam.

Orgulhamo-nos em saber que estamos atendendo a terceira geração de famílias sempre procurando proporcionar uma educação de qualidade que marca a vida de cada um que por aqui passa.

DIAGNÓSTICO

A Escola Classe X vinculada a DRE/PP Cruzeiro atende atualmente uma clientela de 267 alunos, do Ensino Fundamental de nove anos (1º ao 5º ano) e

Ensino Especial, sendo 227 do Ensino Regular e 48 alunos com necessidades especiais (ANEE). Dos ANEE's, 18 compõem classes especiais e os demais estão incluídos nas classes regulares. Esta clientela inclui alunos da comunidade e de outras cidades satélites e entorno, que por 43 diversos motivos necessitam estudar neste Estabelecimento de Ensino. Atende também outros alunos portadores de necessidades educacionais especiais (TDAH, DF), que possibilitam um grande enriquecimento na convivência entre alunos e professores, proporcionando um ambiente de inclusão, socialização e solidariedade.

Ao tentarmos oferecer um ensino de qualidade nos deparamos com algumas dificuldades que são inerentes a uma intervenção educacional:

- * nível socioeconômico dos alunos oriundos de classes menos favorecidas onde há desnutrição, pouco ou nenhum acesso à cultura, a não formação de hábitos e costumes (higiene, saúde, etc...) causando prejuízos ao desenvolvimento pedagógico destes alunos;

- * a violência que se manifesta nas relações sociais dentro e fora do ambiente escolar, que é reflexo do ambiente em que vivem;

- * a atual desestrutura familiar que provoca distúrbios emocionais dificultando o desempenho dos alunos;

- * a insuficiência de recursos/apoio provenientes da Secretaria de Educação, que apesar de seus esforços, ainda não atendem plenamente as necessidades da instituição de ensino;

- * a incapacidade de gerar na escola uma unidade de pensamento, tornando o trabalho mais harmonioso e coeso.

Cientes destes fatores que interferem sobremaneira no alcance dos objetivos propostos, é imprescindível a participação e o envolvimento de todos os segmentos da comunidade escolar na busca de alternativas que contemplem de êxito o processo educacional, através de um diálogo consciente e constante.

Estes fatores incidem sobre o índice de reprovação de nossa escola. Para elevar o índice de aprovação, estratégias de intervenção serão tomadas na intenção de atingir uma meta melhor de aprendizagem, dentre elas a implantação da Educação Integral, do Bloco Inicial de Alfabetização (BIA) e o Projeto Ciência em Foco, Matemática e Português em Foco (ver anexos).

Iniciaremos também este ano o Projeto Luz das Letras, em parceria com a CEB – Companhia Energética de Brasília, que tem como objetivo o desenvolvimento e o gosto pela leitura.

OBJETIVOS –

Geral:

Proporcionar a formação básica do cidadão, mediante o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita, do cálculo, da compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamentam a sociedade atual. Desenvolver a capacidade de aprendizagem dos educandos, respeitando o ritmo e a individualidade de cada um tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades, a formação de valores e o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância proporcionando a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais (ANEE's) dentro de ambiente harmônico, com respeito e solidariedade.

- Específicos:

- Fundamentar o ensino dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais, do Currículo de Educação Básica do DF, norteado pelas Diretrizes Pedagógicas da SEDF (2009-2013) e legislação vigente;
- Relacionar a teoria com a prática, através de experiências empíricas, dentro do cotidiano escolar, utilizando estes conhecimentos para a formação do conhecimento científico, disponibilizando de toda tecnologia acessível;
- Assegurar o estudo da ciência, valorizando os conhecimentos prévios dos alunos e seu processo de aprendizagem, visando à formação de sua cidadania e respeito à natureza;
- Estimular os recursos humanos a desenvolverem uma prática de formação continuada;
- Desenvolver a consciência ecológica, visando à preservação do meio-ambiente;
- Promover a inclusão satisfatória de alunos com necessidades especiais;
- Oferecer aos alunos e funcionários, um ambiente saudável e acolhedor;
- Proporcionar a integração comunidade-escola;
- Conscientizar a comunidade sobre suas responsabilidades sociais;
- Utilizar adequadamente os recursos financeiros disponíveis;

- Implantar os programas do governo, principalmente a Educação Integral;
- Avaliar os processos de trabalho, verificando os resultados.

FINS E PRINCÍPIOS NORTEADORES

Os fins e princípios norteadores desta proposta foram definidos em consonância com as diretrizes emanadas da Constituição Federal e da LDB vigentes, conforme segue:

TÍTULO II

Dos Princípios e Fins da Educação Nacional:

Art. 2º. *A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.*

Art. 3º. *O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:*

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;*
- II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;*
- III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;*
- IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;*
- V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;*
- VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;*
- VII - valorização do profissional da educação escolar;*
- VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;*
- IX - garantia de padrão de qualidade;*
- X - valorização da experiência extra-escolar;*
- XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais*

Como também nos quatro pilares da educação onde, a prática pedagógica deve preocupar-se em desenvolver quatro aprendizagens fundamentais, que serão para cada indivíduo os pilares do conhecimento: aprender a conhecer indica o interesse, a abertura para o conhecimento, que verdadeiramente liberta da ignorância; aprender a fazer mostra a coragem de executar, de correr riscos, de errar mesmo na busca de acertar; aprender a conviver traz o desafio da convivência que apresenta o

respeito a todos e o exercício de fraternidade como caminho do entendimento; e, finalmente, aprender a ser, que, talvez, seja o mais importante por explicitar o papel do cidadão e o objetivo de viver.

Os pilares são quatro, e os saberes e competências a se adquirir são apresentados, aparentemente, divididos. Essas quatro vias não podem, no entanto, dissociar-se por estarem imbricadas, constituindo interação com o fim único de uma formação holística do indivíduo.

Presenciamos um momento muito importante em nosso país, o da demanda por educação, que, ao crescer, faz com que sociedade e instituições, em uníssono, movimente-se no atendimento a essa urgência nacional. Essa é uma tarefa importante e é isso que se espera que o Brasil faça. Temos materiais e ideias. É preciso pôr em prática todos os estudos e projetos para a modernização da educação.

Para mudar nossa história e lograr conquistas, precisamos ousar em cortar as cordas que impedem o próprio crescimento, exercitar a cidadania plena, aprender a usar o poder da visão crítica, entender o contexto desse mundo, ser o ator da própria história, cultivar o sentimento de solidariedade, lutar por uma sociedade mais justa e solidária e, acima de tudo, acreditar sempre no poder transformador da educação.

À luz desses princípios norteadores anunciados, a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal tem como foco de atuação:

1) Aprendizagem: A centralidade da ação escolar é o educando e a aprendizagem, não entendida como acumulação de informações e conteúdos, e sim como um processo de formação e de construção do ser humano, intrínseca aos sujeitos, que se relacionam, que se comunicam e se formam no ambiente social e pedagógico da instituição educacional. Alunos, professores e pais aprendem, quando se relacionam, e se comprometem com conteúdos e novas aprendizagens, de forma sistemática e contínua, no espaço escolar e fora dele, a partir de seus saberes, realidade e expectativas. Aprender é, portanto, tarefa de sujeitos instituintes.

2) Formação de professores e de gestores: A formação inicial e em serviço é intrínseca ao ser e, mais ainda, quando se torna professor-educador e gestor da educação escolar. Revigorar e qualificar os atores envolvidos na Educação é um fator de impacto e de mudanças na ação e prática pedagógica dos professores e dos gestores.

3) Gestão Compartilhada: Regulamentada pela Lei nº 4.036, de 25 de outubro de 2007, (DODF nº 207, de 26 de outubro de 2007), a gestão compartilhada nas instituições educacionais da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal será exercida conforme o disposto no art. 206, VI, da Constituição Federal, nos arts. 3º VIII, e 14 da LDB, e no art. 222 da Lei Orgânica do Distrito Federal. Visa a atingir os objetivos explícitos naquela

4) Avaliação Institucional: O Programa de Avaliação do Desempenho da Instituição Educacional medirá tanto a eficácia da gestão escolar quanto da aprendizagem dos alunos. O desempenho das instituições educacionais será medido a partir de um indicador que reunirá diversos quesitos a serem avaliados – quer os que dizem respeito aos aspectos pedagógicos, no caso, o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), tais como a Prova e Provinha Brasil criado pelo Ministério da Educação para medir a qualidade da Educação no Brasil; quer os que envolvam a eficácia da gestão.

5) Semana de Educação para a Vida: a Lei nº 11.988, de 27 de Julho de 2009 cria a referida semana nas escolas públicas do ensino fundamental e médio de todo o País.

“O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Todas as escolas de ensino fundamental e médio da rede pública no País realizarão, em período a ser determinado pelas Secretarias Estaduais de Educação, a atividade denominada Semana de Educação para a Vida.

Art. 2º A atividade escolar aludida no art. 1º desta Lei terá duração de 1 (uma) semana e objetivará ministrar conhecimentos relativos a matérias não constantes do currículo obrigatório, tais como: ecologia e meio ambiente, educação para o trânsito, sexualidade, prevenção contra doenças transmissíveis, direito do consumidor, Estatuto da Criança e do Adolescente, etc.

Art. 3º A Semana de Educação para a Vida fará parte, anualmente, do Calendário Escolar e deverá ser aberta para a participação dos pais de alunos e da comunidade em geral.

Art. 4º As matérias, durante a Semana de Educação para a Vida, poderão ser ministradas sob a forma de seminários, palestras, exposições-visita, projeções de **slides**, filmes ou qualquer outra forma não convencional. Parágrafo único. Os convidados pelas Secretarias Estaduais de Educação para ministrar as matérias da Semana de Educação para a Vida deverão possuir comprovado nível de conhecimento sobre os assuntos a serem abordados.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 27 de julho de 2009; 188º da Independência e 121º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Fernando Haddad

Este texto não substitui o publicado no DOU de 28.7.2009

RECURSOS DIDÁTICOS METODOLÓGICOS

A concepção de aprendizagem adotada pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal corrobora com o paradigma, de “uma perspectiva de construção de conhecimento numa relação sócio-histórico-interacionista, fundamentada na convicção de que os conhecimentos científicos necessitam ser reconstruídos em suas plurideterminações” (Orientações Gerais para o Ensino Fundamental de 9 Anos: Bloco Inicial de Alfabetização, 2006.). A partir desses pressupostos, pode-se dizer que o desenvolvimento humano é um processo que se dá do nascimento à morte, em ambientes culturalmente organizados e socialmente regulados, por meio de interações estabelecidas com parceiros, nas quais cada pessoa (adulto ou criança, professor e aluno) desempenha um papel ativo.

Adota-se neste estabelecimento de ensino os mesmos fundamentos teórico-metodológicos da Secretaria de Estado de Educação do DF, baseados na “pedagogia revolucionária” de Saviani (2005, p.75) como a que melhor representa uma educação emancipatória. Isto é, “deriva de uma concepção que articula educação e sociedade e parte da consideração de que a sociedade em que vivemos é dividida em classes com interesses opostos”. Pensando como o autor, compreende-se, neste momento, que não se deve trabalhar o conhecimento destituído de uma visão “crítico-social dos conteúdos”, procurando, na sua contextualização, explicitar as contradições inerentes às sociedades capitalistas, como mecanismo de enfrentamento das desigualdades sociais.

Acredita-se, com isso, dar significado real às aprendizagens processadas pelos alunos no interior da sala de aula. Nesse sentido, definir fundamentos teórico-metodológicos tem o objetivo de nortear o trabalho pedagógico na escola.

Entende-se desta maneira, que o desenvolvimento deve ser compreendido como um processo contínuo, multidimensional e dinâmico, que está sempre em movimento e que ocorre na interação dialética que o organismo tem com o ambiente. Simultaneamente, pessoas e rede de significações são contínuas e mutuamente transformadas e reestruturadas, canalizadas pelas características sociais, físicas e temporais do contexto no qual as interações ocorrem. O conhecimento difere do que defende a escola tradicional, por estimular uma forma

de pensar em que o educando reconstrói o conhecimento existente, tornando a aprendizagem significativa.

Nesse sentido, a educação deverá considerar como qualidade fundamental a **relevância e a pertinência** daquilo que se ensina e daquilo que se aprende para se ter certeza dos caminhos que serão trilhados em busca de uma educação para todos e não para determinados grupos.

Nessa perspectiva, valoriza-se uma concepção de escola voltada para a construção de uma cidadania crítica, reflexiva, criativa e ativa, de forma a possibilitar que os alunos consolidem suas bases culturais permitindo identificar-se e posicionar-se perante as transformações na vida produtiva e sociopolítica.

Este estabelecimento de Ensino desenvolve suas atividades pedagógicas através de Unidades de Estudos onde são inseridas as habilidades e competências afins.

Estas Unidades de Estudos envolvem os projetos abaixo listados:

- **Datas e Comemorações Cívicas:**

- Páscoa
- Semana da Alimentação
- Dia da Terra
- Semana de educação para a Vida
- Semana do Meio Ambiente
- Festa Junina
- Dia do Estudante
- Dia do Folclore
- Semana da Pátria
- Semana de Valorização dos Portadores de Deficiência
- Festa da Família
- Semana do trânsito
- Primavera
- Dia Internacional do Idoso
- Dia dos animais
- Semana da Criança
- Proclamação da República
- Dia da Bandeira
- Dia da Consciência Negra
- Chá Literário: culminância de Projeto de Meio Ambiente
- Dia Nacional de Ações de Graças
- Despedida das 4^{as} Séries: confraternização
- Natal

PROGRAMAS DESENVOLVIDOS/EXECUTADOS:

- **Ciência em Foco**, implantado neste ano pela Secretaria de Estado de Educação

do DF em parceria com a Empresa Sangari do Brasil cujo objetivo é oportunizar aos alunos da Rede experiências e o gosto pela ciência, dotando as salas de aula

de recursos materiais, e assim revitalizando em nossa escola uma nova metodologia do ensino de Ciências e despertando o caráter investigativo nos alunos.

- **Matemática em Foco**, que tem como objetivo a melhoria da qualidade do ensino de Matemática nas instituições de Ensino Fundamental da rede pública

do Distrito Federal, através de recursos da informática (softwares).

- **Português em Foco**, que pretende melhorar também a qualidade do ensino de Português nas instituições de ensino Fundamental da rede pública de ensino do

Distrito Federal, através de recursos da informática (softwares).

- **Educação Ambiental**, onde a cada ano estabelecemos parcerias com entidades

voltadas para a preservação do meio ambiente;

- **Momentos Cívicos**, que ocorre todas as segundas-feiras com o hasteamento e entoando o

hino nacional;

- **Momentos Religiosos**, realizados semanalmente;
- **BIA – Bloco Integral de Alfabetização**: com atividades planejadas e desenvolvidas de acordo com a referida proposta seguindo as “Quatro

Práticas

Pedagógicas”;

- **Implantação da Semana para a Vida**: proposta no Calendário Escolar de

2010;

- **Projeto Ciranda Literária**: “em fase de elaboração” que tem como eixo norteador “o despertar” e o “interesse” do aluno pela diversidade textual; Subprojeto: Chá Literário: que será a culminância do Projeto temático sobre “Meio Ambiente” com foco mensal nos valores e nos direitos dos cidadãos.

- **Projeto: “Indicadores de Inclusão”**, que tem como objetivo trabalhar com os

professores sobre os Direitos e Deveres da Criança com o Foco da inclusão (desenvolvido em parceria com alunos do curso de Pedagogia da UnB, 6º semestre esse projeto está em fase de estudo para implantação e ocorrerá no decorrer do ano letivo de 2010).

- **Laboratório de Informática**: oportunizar aos educando o acesso a educação

virtual com atividades pedagógicas planejadas pelo professor regente.

- Da Associação de pais e Mestres (APM), que é uma pessoa jurídica de direito

privado, criada por tempo indeterminado, sem fins econômicos;

Obs. É regida por um regimento e a contribuição é voluntária.

- Programa de Descentralização Administrativa e Financeira – PDAF, que visa garantir os meios para a efetivação de uma Proposta Pedagógica, na Instituição Educacional, que assuma o desenvolvimento de um currículo por competências, que pressupõe a centralidade no aluno e, portanto, na aprendizagem, cujo foco é a qualidade, a autonomia, a prática pedagógica diversificada e a pedagogia ativa.
- Programa Dinheiro Direto na Escola que é uma ação do Ministério da Educação executada pelo FNDE que consiste no repasse de recursos diretamente às escolas do Ensino Fundamental estaduais, do Distrito Federal e municípios com mais de 20 alunos matriculados;
- Da cessão de espaço para a telefonia celular.

AVALIAÇÃO

A avaliação pedagógica seguirá os moldes propostos pela lei, dentro da concepção dos Parâmetros Curriculares Nacionais, pelas Orientações Curriculares da SEEDF (Ensino Fundamental- Séries e Anos Iniciais), e pelas Diretrizes de Avaliação do Processo de Aprendizagem para a Educação Básica da SEEDF, que fogem da visão tradicional e que é compreendida como um “conjunto de atuações que têm a função de alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica, levando o professor a uma reflexão e o aluno a uma tomada de consciência de suas conquistas, dificuldades e possibilidades”.

Porém, a avaliação da aprendizagem não pode ser separada de uma necessária avaliação institucional, mesmo que elas sejam de natureza diferente: enquanto esta diz respeito à instituição, aquela se refere mais especificamente ao rendimento escolar do aluno. São distintas, mas inseparáveis. O rendimento do aluno depende muito das condições institucionais. Em ambos os casos a avaliação, destina-se à emancipação das pessoas e não à sua punição, à inclusão e não à exclusão.

Dessa forma, a *avaliação institucional* não pode reduzir-se a um processo técnico por que ela deve estar inserida num projeto de educação e de sociedade, um projeto

político-pedagógico. Na perspectiva de uma “práxis transformadora” a avaliação deve ser considerada como um “compromisso com a aprendizagem de todos” e “compromisso com a mudança institucional”. Afinal, a avaliação institucional e escolar coloca em evidência os fins da educação e as concepções pedagógicas, ela se constitui num momento privilegiado de diálogo e reflexão sobre a prática. Assim, deve ser oportunizado ao aluno ser avaliado de forma diversificada e processual, utilizando-se de instrumentos tais como: observação, relatórios, questionários, pesquisas, testes/avaliações, entrevistas, auto-avaliação, entre outros. Considerando-se suas várias dimensões: diagnóstica, participativa, contínua e cumulativa.

Em relação aos alunos da inclusão a avaliação se dará por meio de adaptação e modificação de técnicas, instrumentos e procedimentos. Sendo necessário, a introdução, eliminação ou adaptações de critérios de avaliação em consonância com as necessidades especiais de cada um.

Além dessas iniciativas, também serão oferecidos momentos de aconselhamento, levantamento de soluções, projetos de recuperação, apoio, incentivo, reformulação das estratégias do trabalho docente, pois estes são aspectos que favorecem a pedagogia de competências.

Como atendemos alunos do Ensino Fundamental em séries e anos iniciais, de acordo com o Regimento Escolar da Secretaria de estado de Educação do Distrito Federal, eles não são contemplados com o regime de dependência, pois este só é oferecido nas séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio que trabalham com componentes curriculares.

Salienta-se que a avaliação será um processo contínuo durante o ano, em todos os momentos. Toda a organização do trabalho a ser realizado nesta instituição de ensino será avaliada constantemente através de reuniões frequentes com os professores, Conselho Escolar, Associação de Pais e Mestres e Comunidade Escolar.

PLANO DE AÇÃO

	OBJETIVOS	METAS	ESTRATÉGIAS
DIMENSÃO PEDAGÓGICA E SOCIAL	1- Fundamentar o ensino dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais, do Currículo de Educação Básica do DF, norteados pelas diretrizes Pedagógicas da SEEDF e Legislação Vigente	<ul style="list-style-type: none"> - No início de cada semestre, realizar o planejamento pedagógico com os professores. - Abordar no decorrer do Ano Letivo, os temas transversais: ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, orientação sexual, prevenção contra o uso das drogas e violência. - Pautar o planejamento semanal em acordo com as Diretrizes pedagógicas da SEEDF. - Aplicar as legislações vigentes com relação aos seguintes temas: História e Cultura Afro-Brasileira, Voluntariado, Ensino religioso, Semana da Pessoa portadora de Deficiência e estudo da Música. - Executar os Programas Ciência em Foco, Português e Matemática em Foco. 	<ul style="list-style-type: none"> - Formar grupos de estudos e debates com os professores sobre assuntos pedagógicos e áreas afins. - Elaborar e preencher instrumentos de registro do planejamento pedagógico semanal. - prever estratégias para a coordenação semanal por série com os professores dos dois turnos. - Estudar as leis vigentes relacionadas aos temas incluídos por lei ao conteúdo pedagógico, elaborando e executando projetos educacionais. - Participar dos treinamentos, planejar e desenvolver os programas Ciência em Foco e Português e Matemática em Foco, respeitando o cronograma proposto. - Implantar a Proposta do BIA (Bloco Inicial de Alfabetização), objetivando efetivar a tão sonhada qualidade de ensino para todos.
	2- Estimular a leitura e o gosto pela escrita.	- Ampliar o acesso dos alunos ao acervo bibliográfico da escola, promovendo anualmente eventos literários que estimulem a leitura e a escrita.	<ul style="list-style-type: none"> - Viabilizar o atendimento dos alunos na biblioteca, permitindo o empréstimo de livros e incentivando o gosto pela leitura. - Organizar o "Chá Literário", saraus, concursos de redação, confecção de livros de literatura, exposições de trabalhos. - Convidar escritores da cidade para entrevistas e/ou lançamento de livros
	3- Reduzir o índice de	- Oferecer semanalmente	- Preencher relatórios de

	repetência escolar.	reforço escolar, promovendo a recuperação processual. - Investigar as possíveis causas do baixo-rendimento escolar. - Realizar avaliações de procedimentos pedagógicos.	encaminhamento para a equipe psicopedagógica. - Manter contato direto com a equipe psicopedagógica, promovendo ações conjuntas. - Implementar as ações da Orientação Educacional através da elaboração e aplicação de projetos especiais. - Promover aconselhamento de alunos e pais através da Orientação Educacional. - Promover palestras com profissionais das áreas de psicologia, psicopedagogia, fonoaudiologia e saúde.
DIMENSÃO PEDAGÓGICA E SOCIAL	4- Promover ações para a elevação da auto-estima dos alunos.	- Minimizar as ações da baixa-estima em relação ao baixo rendimento escolar.	- Preencher relatórios de encaminhamento para a equipe psicopedagógica. - Manter contato direto com a equipe psicopedagógica, promovendo ações conjuntas. - Implementar as ações da Orientação Educacional através da elaboração e aplicação de projetos especiais. - Promover aconselhamento de alunos e pais através da Orientação Educacional. - Promover palestras com profissionais das áreas de psicologia, psicopedagogia, fonoaudiologia e saúde.
	5- Desenvolver a consciência ecológica visando a preservação do meio ambiente.	- Promover ações para estimular nos alunos a preocupação com o meio ambiente. - Reduzir o consumo de água, energia, lixo e desperdícios.	- Trabalhar os conceitos dos 4 Rs: reduzir, reutilizar, reciclar e repensar. - Realizar durante o ano letivo a coleta seletiva. - Realizar campanhas, concursos de slogans, oficinas de reciclagem. - estabelecer parcerias com entidades de preservação ecológica.
	6- Promover uma inclusão satisfatória de alunos com necessidades educacionais especiais.	Sensibilizar durante todo o ano letivo, toda a comunidade escolar para o acolhimento destes alunos, respeitando suas limitações e promovendo	- Promover discussões e explicações em sala de aula e em reuniões. - Estimular a participação destes

		<p>sua acessibilidade.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver as adequações curriculares necessárias com todo pessoal envolvido. - Oferecer o atendimento na sala de recursos e material adaptado. 	<p>alunos nas atividades coletivas da escola: passeios, apresentações, etc.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reunir professores regentes e das salas de recursos para a realização das adequações curriculares necessárias. - Aplicar avaliações diagnóstica. - Proporcionar grupos de estudos sobre as deficiências para um melhor atendimento. - Levar cada caso ao Conselho de Classe para uma decisão coletiva. - Elaborar cronograma de atendimento individual na sala de recursos. - Utilizar materiais didáticos adaptados.
DIMENSÃO PEDAGÓGICA E SOCIAL	7- Oferecer aos nossos alunos um ambiente saudável e acolhedor.	<ul style="list-style-type: none"> - Reduzir os eventos de violência, intolerância e preconceito. - Divulgar a todos os segmentos o regimento Escolar no que diz respeito as normas disciplinares. - Oferecer aos alunos das 4^{as} Séries o PROERD (Programa de Prevenção contra as Drogas e Violência). 	<ul style="list-style-type: none"> - Elaborar e executar projetos para o recreio: <i>Recreio Legal</i>. - Promover o monitoramento do recreio. - Promover eventos educativos incentivando o aprender brincando. - Elaborar o Manual Escolar com orientações baseadas no Regimento Escolar. - Adquirir brinquedos para a hora do recreio. - Solicitar ao batalhão escolar a realização do PROERD.
	8- Conscientizar os alunos sobre suas responsabilidades sociais.	<ul style="list-style-type: none"> - Adotar e/ou apoiar pelo menos uma entidade filantrópica durante o ano. 	<ul style="list-style-type: none"> - Realizar campanha de doações. - Promover a Semana do Voluntariado. - Programar visitas a instituições de caridade.
DIMENSÃO PEDAGÓGICA E	10- Proporcionar a integração comunidade-escola	<ul style="list-style-type: none"> - Aumentar a participação e presença dos pais nas reuniões escolares, nas comemorações e atividades afins. 	<ul style="list-style-type: none"> - Elaborar e comunicar com antecedência o cronograma das reuniões de pais e Mestres. - Comunicar os horários de

			<p>atendimento aos pais dos professores regentes.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Incentivar a participação de todos os pais e responsáveis na APM (Associação de pais e Mestres) e no Conselho Escolar. - Realizar o Conselho de Classe Participativo envolvendo todos os seguimentos escolares. - Incluir a escola em Projeto e Programas Especiais: Amigos da Escola, Parceiros da Escola, Ginástica nas Quadras. - Proporcionar comemorações envolvendo toda a comunidade escolar.
	11- Proporcionar uma alimentação adequada e equilibrada.	- Oferecer uma merenda escolar variada e enriquecida.	<ul style="list-style-type: none"> - Complementar com os recursos da APM o cardápio fornecido pela SEEDF. - Pesquisar o gosto dos alunos para a elaboração do cardápio mensal, respeitando as orientações nutricionais. - Trabalhar as orientações nutricionais com os alunos através do Projeto de Educação Nutricional "Alimentando o Saber".
	12- Estimular os recursos humanos a desenvolver uma prática de formação continuada.	- Informar aos funcionários o cronograma de cursos oferecidos pela EAPE.	<ul style="list-style-type: none"> - Permitir ampla divulgação dos cursos de formação profissional realizados pela EAPE. - Motivar os professores e funcionários a participarem dos cursos oferecidos. - Motivar a participação em concursos.
	13- Oferecer aos alunos a iniciação digital.	- Implementar o Laboratório de Informática, através do oferecimento de oficinas de informática.	<ul style="list-style-type: none"> - Oferecer oficinas de Inclusão Digital para os alunos matriculados através da Educação Integral. - Equipar e dar manutenção nos computadores do Laboratório de Informática. - Planejar e acompanhar os monitores na realização das oficinas de informática.